

HOMENAGEM ÀS PROFESSORAS ALBANA XAVIER NOGUEIRA E MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Marlon Leal Rodrigues
NEAD/UEMS
Gláucia Beretta
UEMS
Rosana Pegorari Castiliano
UEMS
Rosa Maria
UEMS

Conhecer um pouco da história de vida de professores que ao longo de suas vidas dedicaram à carreira do magistério significa, em alguma medida, ter acesso a uma “discursividade” (ORLANDI, 2002) sobre a construção histórica na opção por uma profissão que ao longo de tempo – nas últimas quatro décadas - vem gradativamente perdendo prestígio social e político. Esta condição tem sido retrata de forma diversa em pesquisas acadêmicas, na mídia de forma geral, em formas de documentário.

A despeito da situação atual da carreira do magistério, uma das formas de compreender uma das “tensões dos sentidos” (ORLANDI, 2001) diz respeito às formas de significar a “posição sujeito” de ser professor a partir das histórias de vida do próprio professor, de como ele se constituiu em épocas diferentes da nossa. Esses relatos em forma de entrevistas vêm criar, ainda que elementarmente e despretensiosa, um arquivo sobre o qual se possa refletir as defasagens de sentidos considerando aí “condições de produção discurso” (Idem) e que de tudo dela decorre.

Nesse sentido, as entrevistas com as professoras **Albana Xavier Nogueira e Maria da Glória Sá Rosa** mais do que uma homenagem podem ser consideradas primordialmente uma referência para as novas gerações do que pode significar ou significa a carreira do magistério na atualidade apesar dos sentidos que circulam e das condições materiais de existência.

As entrevistas realizadas pelas alunas **Gláucia Beretta e Rosana Pegorari Castiliano** (hoje professoras) significam também a sutileza e o envolvimento.

Entrevistas: impressões e considerações

Com o objetivo de conhecer a vida acadêmica de professores que compõem a história das ciências relacionadas à área de Letras no estado de Mato Grosso do Sul, registrar suas trajetórias neste estado e prestar homenagem aos estudiosos que doutrinam e pesquisam na seara da linguagem, os acadêmicos do 1º ano do Curso de Bacharelado em Letras da UEMS – unidade Campo Grande, saíram a campo, empunhando gravadores, para entrevistar mestres e descobrir a paixão que os move, as esperanças que os sustentam.

E o que devia ser mais um mero e incipiente trabalho acadêmico, obrigação avaliativa de conteúdo, tornou-se uma atividade instigante, que resgatou histórias perdidas ou nunca dantes declaradas, contribuindo para entusiasmar aluno desanimado com a opção profissional selecionado e corroborou para instigar a novas pesquisas e estudos, a partir do que emanava de cada contato feito, de cada declaração segura e satisfeita do caminho percorrido dos entrevistados.

Nossa escolha particular recaiu sobre a dupla de mestres, Glorinha e Albana, que de docente e discípula, respectivamente, passaram a grandes companheiras de trabalho e de vida, em profícua atividade de produção. Porém, notável nos foi a apresentação da Professora Glorinha sobre o Ensino Superior em Mato Grosso do Sul, palestra proferida em Mesa Redonda como marco inaugural do curso de Letras da unidade UEMS-Campo Grande, em 18 março de 2010, na Câmara de Vereadores de Campo Grande, em que discursou acerca da trajetória do ensino superior em nosso Estado, causa em que atuou para instalação e fixação dos primeiros cursos em nosso estado.

E assim, nos coube a inebriante missão de conhecer as professoras Glorinha e Albana e um pouco de seus trabalhos como formadoras e pesquisadoras de língua portuguesa, linguística e literatura.

Apesar de infringimos uma das recomendações recebidas – “agendar data e horário, preferencialmente, no escritório da UEMS Campo Grande, sito na Rua da Paz, 540, Centro” (conforme determinado em especificações do projeto), confessamos que nos foi bastante prazeroso, além da conversa em tom quase informal com as professoras entrevistadas, o contato com seus espaços de convivência e de trabalho, posto que

estivemos em sala de aula com a Professora Leda e na sala de estar de cada uma das mestras, Glorinha e Albana.

Imaginem nosso privilégio em conhecer a biblioteca da Professora Glorinha! Nossos olhos percorreram tão avidamente quanto possível aquele espaço mágico de alguém tão cheio de histórias pra contar. Também seus objetos dispostos pela casa denunciavam suas experiências e andanças: o portal entalhado da entrada, a caixa italiana vermelha de correio que acolhe as missivas, os *souvenires* de tantos lugares visitados... E ainda concebem a imagem de se despedirem de tão ilustre figura, sendo ainda presenteados com uma de suas mais atuais obras: o livro *A literatura sul-mato-grossense*.

Sentiram inveja? Pois tem mais: projetam-se à mesa, saboreando um delicioso sorvete numa tarde quente enquanto conversam animadamente com a Professora Albana!

Pois de tudo isso pudemos desfrutar e ser agraciadas com relatos animados e enriquecedores.

A primeira sabatinada, a Profa. Leda, com a qual nem ainda havíamos tido aulas, cedeu, de chofre, ao pedido e, assim, despreparadas e tensas as entrevistadoras, realizamos a primeira de todas as entrevistas do projeto, inquirindo-a sobre a Professora Albana.

Na tarde de 06 de julho de 2011, em uma das salas de aula da UEMS - unidade de Campo Grande, logo após a aula de orientações para tais atividades, numa espontaneidade ímpar e com toda a simpatia e gentileza que lhe são características (confirmamos seu perfil, reconhecendo sua meiguice também em sala de aula!) A professora Leda contou um pouco do que vivenciou com sua ex-mestra, Professora Albana, revelando sua admiração por seus ensinamentos e por seus trabalhos.

Gravador desligado, adrenalina retornando ao seu lugar de origem e tensão diminuída, pudemos ainda conhecer detalhes outros, marcantes, como a inesquecível (por parte das tímidas acadêmicas de Letras da época, entre elas a própria Professora Leda) apresentação artística, elaborada pela Professora Albana e Glorinha, indefectível dupla, em que suas alunas, trajando caftãs em algodão cru, interpretavam *Dia da Criação*, de Vinícius de Moraes.

Alguns e-mails depois, e após pré-contato informal em pleno CELLMS-Dourados, onde as Professoras Glorinha e Albana divulgavam sua última publicação, tratamos de nos apresentar às autoras, explanando nossos interesses acerca do

projeto de entrevistas. Destas, quem primeiro nos atendeu foi Professora Glorinha, na tarde de 11 de agosto de 2011, em sua própria casa.

Recebidas com muita benevolência, ficamos elevadas pelo carinho com que a Professora Glorinha referenciou a Professora Albana e pela sagaz memória que apresentava, relatando fatos de tantos anos passados com riqueza de detalhes. Extasiava-nos ouvir que muitos de seus antigos mestres e companheiros são pessoas admiradas no meio acadêmico até os dias atuais, tanto quanto o é o nome Glorinha no campo das artes em nosso estado.

A última entrevista deu-se em 05 de setembro de 2011, também numa tarde quente desta capital, na agradável residência da querida Professora Albana.

De falinha mansa e pausada, humildade extremada como se pouca diferença fizesse tão vasto currículo, investigá-la sobre si e sobre a Professora Glorinha e grandes feitos puderam ser observados.

Concluimos as entrevistas e, através dos relatos das professoras entrevistadas, Leda, Glorinha e Albana, sentimos crescer em nós a chama do gosto e do interesse pela profissão que exalam as mestras, confiantes que ficamos que, embora possam ser árduos e não raros os obstáculos que se interponha em nossos caminhos, com dedicação, perseverança e coragem também nós podemos nos debruçar sobre a carreira das Letras, contribuindo para o fomento do conhecimento atrelado à satisfação pessoal.

Transcrição das Entrevistas

Contato Profa. A Dra. Maria Leda Pinto sobre a Professora Albana Xavier Nogueira.

Gláucia e Rosana: Boa tarde, Professora Leda, entrevistando...

Profa. A Dra. Maria Leda: Boa tarde!

Gláucia e Rosana: seis de julho, UEMS-Campo Grande. Tudo bem, Professora?

Profa. A Dra. Maria Leda: Tudo.

Gláucia e Rosana: Quando e como a senhora conheceu a Professora Albana Xavier Nogueira?

Profa. Dra. Maria Leda: A Professora Albana eu conheci como minha professora no curso de Letras. Ela deu aula de Língua Portuguesa, Língua Portuguesa I, Língua Portuguesa II, foram as disciplinas que ela ministrou para mim.

Na verdade, é, eu até errei isso, é, eu a conheci quando eu entrei no curso de Letras. Eu fui, eu tinha, eu entrei no primeiro ano e ela estava no último ano, e era um grupo assim muito dinâmico dentro da universidade, por isso todos os calouros conheciam, o pessoal das outras turmas todas conhecia porque eles tinham vários movimentos, revistas que eles escreviam, todas essas coisas – era um pessoal bem atuante.

Gláucia e Rosana: Que tipo de relação que a senhora mantém ou manteve com a Professora Albana - relação pessoal e profissional, como isso se dá ou se deu?

Profa. A Dra. Maria Leda: Bom, a Albana, depois desse período, ela foi nossa professora como eu disse no início. Como docente nossa, é, com aquele jeitinho todo de paciência dela, de calma, né, ela era muito, ela fez um vínculo muito interessante com a minha turma. Sabe, nós gostávamos muito dela como professora. E ela, é, foi convidada para ser a paraninfa da turma. Aí, ah, ela foi nesse, nesse momento, a gente chegou, foi chamada para dentro da casa dela, ela fez festa pra gente, foi todo um trabalho assim de, de aproximação mesmo com o grupo.

Depois disso, eu fui me encontrar com a Professora Albana na Universidade Federal do Mato Grosso, de Mato Grosso do Sul. Eu como professora cedida do estado, atuando no curso de Letras da Federal aqui de Campo Grande, campus daqui, e a Professora Albana, como professora já aposentada e visitante, atuando já como professora visitante na universidade, aqui, local onde nós trabalhamos juntas na pesquisa do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul. É, trabalhamos muito tempo juntas dentro desse, é com relação ao Atlas Linguístico.

Depois, eu vim trabalhar, fui convidada para trabalhar na UNIDERP, no curso de Letras, e a Professora Albana veio para a UNIDERP, no curso de Letras. Foi minha coordenadora no curso de Letras. Aí nós continuamos com a nossa pesquisa do Atlas Linguístico, então eu trabalhei com a Professora Albana muito tempo, nós temos uma relação de amizade muito grande até hoje.

Gláucia e Rosana: Uma coisa que começou como acadêmica, acadêmica e professora, como parceria de trabalho...

Profa. A Dra. Maria Leda: Isso, parceria de trabalho, de, de colega e depois agora uma parceria de amizade mesmo, de duas pessoas, porque assim ela é, uma pessoa que me é muito próxima.

É um, uma coisa interessante que houve entre nós foi que ela foi minha banca de mestrado e nesse dia eu ouvi dela coisas assim que eu nem imaginava que ela pensava a meu respeito e foi muito interessante. Então nossa relação é de muita proximidade, é, nós estamos, inclusive, pretendendo montar um novo projeto juntas, e então, é uma relação de amizade muito boa, muito grande.

Gláucia e Rosana: Conte uma passagem, ou um episódio importante na carreira acadêmica e na vida pessoal da Professora Albana. (Lembra de alguma coisa?)

Profa. A Dra. Maria Leda: Bom, na carreira acadêmica a Professora Albana é uma pessoa que marca presença por ser uma autodidata. A Professora Albana escreve muito bem, cria muito bem, e ela tem junto com a Professora Maria da Glória Sá Rosa uma publicação de uns livros que foram livros para o ensino médio, mas que são livros de um gabarito tal que são livros para curso de Letras, na grande verdade. É um livro de que trata, são livros didáticos que tratam da linguagem, das questões linguísticas, mas elas fazem neste livro um paralelo muito, uma inter-relação, não é um paralelo, é uma inter-relação da linguagem verbal com todas as outras linguagens: a linguagem fílmica, a linguagem, é, presente, na música, nas artes, a, na arte, nas artes plásticas, é, na escultura, tudo, tudo. É um livro de uma abrangência fantástica que eu não vi em Ma..., no Brasil. Inclusive eu

guardo com muito... como preciosidade a coleção, é, eu não lembro o nome aqui agora, é, se eu não me engano, é, Língua e Linguagem, eu só sei que é pela editora FTD que foi publicado.

É, na, na rela..., na vida pessoal da Professora Albana um fato marcante: eu não sei, eu acho que a Professora Albana é uma pessoa que acabou deixando a vida pessoal dela de lado em prol da família, por ser a filha mais velha, em prol da família e em prol da educação.

É, ela até hoje é uma tia que, que, a, ela não cria, mas, ela, ela apoia o tempo todo, inclusive morando com ela, todos os sobrinhos e os filhos, todos os filhos das irmãs e os filhos dos filhos das irmãs, é, inclusive agora ela está numa viagem pra Europa com uma sobrinha e com um sobrinho-neto que é afilhado, e que ela levou os dois. Então, a Professora Albana desenvolveu um, um, um assim, um mecanismo de, de, de vida, uma escolha, não é mecanismo, uma escolha de vida pessoal, é, que foi de, realmente caminhar por esse lado – um trabalho...

Gláucia e Rosana: É interessante que mesmo que ela não tenha seus filhos próprios, ela exerce uma função matricial... né?!?

Profa. A Dra. Maria Leda: É, ela exerce uma função, sim, com toda certeza, inclusive em relação aos outros irmãos mais novos, todos. É interessantíssimo, muito interessante.

Gláucia e Rosana: Com essa fala, eu acredito que a senhora tenha respondido também a seguinte questão: em sua opinião, como a senhora definiria Professora Albana, profissional e pessoalmente? Eu acredito que esteja respondido, tem alguma coisa mais que a senhora gostaria de acrescentar?

Profa. A Dra. Maria Leda: Não, é alguma coisa mas é no sentido de que a Professora Albana é uma, é uma grande pesquisadora. Ela, na vida profissional ela é uma profissional, eu diria assim, eu não sei se eu, eu não estou encontrando um outro termo, uma outra palavra, mas ela é uma pesquisadora de peso e, é, com uma humildade, uma simplicidade que eu acho às vezes até é que ela tinha que ser mais ousada no sentido de mostrar o que

ela faz. O que ela é, sabe, porque ela é uma profissional, é, que, muito, muito boa mesmo, na área dela, trabalha, tem outros livros publicados muito bons, então, ela é realmente uma pessoa muito importante para Mato Grosso do Sul.

Gláucia e Rosana: A Professora Albana influenciou de alguma maneira em sua carreira.

Profa. Dra. Maria Leda: (risos) É engraçado porque falando sobre ela agora eu realmente achei que eu sou muito parecida porque eu também não me casei, eu também até hoje apoio os sobrinhos, os sobrinhos moraram comigo, então, engraçado, a gente tem uma vida meio parecida. E ela me influenciou nesse, nesse sentido, no seguinte sentido: vejam vocês que coisa interessante, é, ela me devolve as redações que ela pedia para nós fazermos, os textos pra nós elaborarmos e ela colocava uma observação nas minhas redações que me incomodava muito. Ela dizia assim: “Você tem de melhorar seu vocabulário, seu vocabulário é muito simplista, você precisa criar seu estilo”. Eu falei, e eu, e eu pegava, olhava aquilo lá e lia e falava “mas o meu estilo é esse então” (risos) porque aquilo me incomodava. E é interessante como depois eu fui, é eu me voltei justamente para o texto, para o trabalho com o texto... sem..., nunca fui professora de gramática em nível superior, sempre fui professora de leitura e interpretação de textos e me encaminhou para análise do discurso, então eu penso que ela, ela me, embora ela sendo da, da dialetologia, ela me, ela acho que ela me cutucou na hora das minhas produções de texto e eu me voltei mesmo para produzir textos e considerando isso eu acho que a influência dela um pouco é por aí. Tá, e outra grande influência dela foi que, trabalhando com, nós duas pesquisando o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul, ela é, tem as pesquisas dela, toda caminhada dela de pesquisa é centrada no Pantanal e com o pantaneiro, e eu me voltei pro pantanal do pantaneiro (risos) Ela trabalhou a parte da, da dialetologia, o mes... o mestrado dela, aliás o doutorado dela foi a fala, a fala, sobre a fala do pantaneiro e o meu doutorado é sobre as narrativas dos pantaneiros. Então eu acho que aí está uma grande, é uma grande influência, né?!?

Gláucia e Rosana: Com certeza. Comente como era a relação da Professora Albana com os colegas de trabalho e com os alunos?

Profa. Dra. Maria Leda: Nossa! Ela é uma educação, uma fineza. Ela sempre foi, é, é muito interessante que você entre em contato com a Professora Albana, ela é uma pessoa que fala baixinho, é super educada, mas não pensa que a Professora Albana deixa barato aquilo que a incomoda porque ela não deixa, porque não deixa não.

Ela é uma pessoa muito educada, procura viver bem com todo mundo. A relação dela com os colegas de trabalho até onde eu sei foi sempre uma relação muito, muito, muito boa.

Ela é muito querida na Universidade Federal com todo o pessoal que conviveu com ela. E os alunos também, embora ela seja, tenha sido uma professora extremamente rigorosa, porque ela é rigorosa, sempre foi com os alunos, mas foi um rigor, ela sempre exerceu aquele rigor com doçura. Ela nunca foi aquela professora rigorosa que diminuiu aluno, que diminuiu ninguém não, ela procurava mostrar para nós e para todos os alunos dela onde a gente estava precisando melhorar, mas ela também mostrava o potencial de todo mundo, então, ela não, ela nunca desprestigia ninguém.

Gláucia e Rosana: O que a senhora acha que permanecerá da Professora Albana nas pesquisas acadêmicas, pros alunos e pros colegas ? O que que fica dela?

Profa. A Dra. Maria Leda: Bom, a Professora Albana, ela, ela já existe no Mato Grosso do Sul, já tem um legado que ninguém vai tirar da Professora Albana que é justamente essa questão de uma pesquisadora do Pantanal, de uma pesquisadora é, rigorosa, quer dizer, com pesquisas assim muito bem feitas, muito importantes, com toda seriedade, ela é referência no estado quando se fala é de Pantanal e principalmente de pantaneiro, tá. Ela tem um livro, O que é Pantanal?, daquela série, Primeiros Passos, da Brasiliense, que é muito, muito bom o material dela.

E agora, a, não faz muito tempo, eu acho que em torno de uns quatro anos, ela publicou um outro livro, pela Universidade Federal, sobre o homem, o homem pantaneiro e

a cultura, então, a Professora Albana é considerada como uma das, das precursoras do estudo da cultura sul-mato-grossense, principalmente a cultura pantaneira.

Então esse é um legado que a Professora Albana, que ninguém tira, ela é uma das grandes pesquisadoras, inclusive ela tem um acervo de narrativas, de entrevistas com pantaneiros, imenso. É um, é um banco de dados muito interessante, muito grande, importante, que pode servir, inclusive, de ponto de partida para outros pesquisadores pesquisarem outras coisas numa outra perspectiva, é, teórica, num, enfim, com aqueles mesmos dados, inclusive na minha tese eu trabalhei parte desses dados da Albana que ela me cedeu, gentilmente.

Gláucia e Rosana: Nessa questão também já tem bastante coisa respondida: quais trabalhos a senhora julga significativos da Professora Albana?

Profa. Dra. Maria Leda: É, então, é, eu já coloquei, eu considero que, olha, tem um, a Albana não produziu muitos livros na carreira acadêmica dela, mas ela produziu excelentes obras, então, tudo o que a Albana produziu é muito bom.

Ela produziu esse primeiro material que eu disse pra vocês que é uma preciosidade. Esse material, embora seja um manual didático, que hoje é tão combatido, os manuais didáticos são tão combatidos, esse manual didático não é de gramática. Ele tem gramática, ele tem todo, todo o restante, ah, ele é, ele congrega a questão da parte gramatical, é, literatura, e textos, interpretação, é um material assim de alta qualidade.

Depois disso ela fez esse material muito bom pra que ela foi convidada a fazer lá pra, Brasiliense, a Coleção Primeiros Passos, é, que é um livro muito bom. Tem este outro livro que, ah, que foi, é, escrito, é e publicado pela Universidade Federal que é a cultura, sobre a cultura do homem pantaneiro, excelente também. É, e agora, neste ano, ela lançou um outro livro junto com a Professora Glorinha sobre a cultura sul-mato-grossense. Eu tenho o livro, ganhei, mas ainda não li, então sobre isso eu não posso dizer, mas tenho quase certeza pelas duas autoras organizadoras que é, é um livro muito bom.

Então, ela não é de escrever, de publicar muito, mas sempre col... faz publicações de peso.

Gláucia e Rosana: OK, Professora, encerramos as perguntas aqui. E a gente abre um espaço caso a senhora queira falar algo mais, deixar uma mensagem – um espaço aberto.

Profa. Dra. Maria Leda: Bom , eu, eu considero assim que se a Albana fosse, for, é, ver essa entrevista, de dizer a ela, né, que ela é muito importante na minha vida. Que eu me espelho muito naquilo, na trajetória dela como uma pessoa séria, como uma pessoa, uma profissional séria, uma profissional que sempre soube ter uma boa relação com os alunos, que é uma coisa que eu também julgo muito importante.

É, que no dia da minha defesa de mestrado, eu fiquei muito feliz com a fala dela inicial e com os questionamentos que ela me fez, quer dizer, ela foi na minha banca uma presença que eu não vou esquecer nunca mais, altamente positiva e, é assim, é uma pessoa que marcou, que marcou não, melhor dizendo, é uma pessoa que é, é uma linguista que é referência para Mato Grosso do Sul, como, com um trabalho de dialetologia muito importante, muito bem feito e que ainda quer continuar pesquisando, por sinal, ela me falou isso há umas duas semanas atrás quando ela me ligou dizendo que gostaria de, de fazermos um trabalho, mais um trabalho juntas, e que eu vou ter muito prazer em trabalhar com ela, né, porque com ela a gente sempre aprende muito pela, pela forma como ela conduz as coisas.

E como ser humano é uma pessoa linda, muito, muito amiga, uma pessoa com quem você tem certeza que pode contar na hora que você precisar. Ela é quietinha, ela é reservada, mas ela é uma pessoa que você tem, que eu tenho certeza, quer dizer, eu como amiga dela que o dia que eu precisar eu vou poder com ela, como, assim como qualquer outra pessoa que, é , precise dela pode contar.

Então, ela é um ser humano iluminado, um ser humano que realmente contribuiu muito para a educação em Campo Grande, em, na região de Aquidauana, e pra Mato Grosso do Sul como um todo e a região pantaneira, então, e a cultura sul-mato-grossense e a cultura pantaneira, porque ela trouxe. É, quem quiser conhecer a cultura do Pantanal, a cultura da região ali do, do, Alto Pantanal, do Aquidauana e mesmo a região para o Baixo Pantanal, lá no Pantanal mesmo, né, no alagado, o, os pantanais como ela mesma coloca, né, e é colocado também pela, pelos, é, oficialmente, que não existe um Pantanal, são vários pantanais.

Ela realmente é uma pessoa que mostrou a cultura, mostra a cultura dessa região e ela precisa realmente, ela é uma referência bibliográfica fantástica para quem quiser conhecer essa, essa cultura dessa região, porque ela viajou, comprou uma Toyota para viajar e fazer a pesquisa dela na região. Eu não fiz o mesmo, mas ela fez. (risos)

Mas, é isso, ela é uma pessoa que é muito, é uma linguista importante, inclusive para ser convidada um dia pra vir falar para o pessoal do curso de Letras.

Gláucia e Rosana: Com certeza!

Profa. A Dra. Maria Leda: É uma boa referência aí para convite.

Gláucia e Rosana: Professora, agradecemos imensamente a sua colaboração.

Profa. A Dra. Maria Leda: Tá, eu agradeço também a, a, o convite de vocês, a lembrança de vocês e quero começar aí com o grupo, né, no 2º semestre.

Gláucia e Rosana: Estaremos juntos.

Acadêmicas Rosana e Gláucia terminam a entrevista com a Professora Leda.

Contato Profa. Maria da Glória Sá Rosa sobre Professora Albana Xavier Nogueira

Gláucia e Rosana: Quinta-feira, 11 de agosto de 2011, vou entrevistar (eu, a Rosana e a Gláucia), nós vamos entrevistar a Professora Glorinha.

As primeiras perguntas vão ser a respeito da Professora Albana.

Como, quando, quando e como conheceu a Professora Albana?

Profa. Maria da Glória: Olha, conheci a Professora Albana nos idos de setenta na antiga FUCMAT, antiga Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras, onde ela era minha aluna no curso de Letras e desde logo ela me chamou a atenção pelos textos que ela elaborava que eram diferentes de todos os outros, com um quê de original, era um texto

que chamou minha atenção, pela sua originalidade, competência, pelas indagações que o texto suscita.

Ninguém, ninguém na classe fazia análise de Guimarães Rosa, que a gente estava estudando, de Clarice Lispector e de Carlos Drummond de Andrade com tanta acuidade e tanta capacidade de penetrar a essência do assunto como a Albana.

Até que um dia, eu não a conhecia, sempre muito quietinha, ela é uma pessoa sempre muito modesta, calada, né, até que um dia, fazendo as provas, era uma que ela tinha tirado dez com louvor, e eu perguntei: - Quem é Albana aqui? E ela me acenou muito suavemente, com aquele risinho que lhe é característico, me disse: - Sou eu. Aí que eu passei a conhecê-la.

E aí sempre admirando a personalidade dela e o gosto pelas coisas e a tranquilidade que fazia as coisas sempre em silêncio, sem preocupação de aparecer, de vaidade, que às vezes alguns alunos têm, que a gente conhece.

E aí quando terminou o curso, ela trabalhou, escreveu peças, transformou poema de Drummond em jogral, até que terminado o curso eu a convidei para nós fazermos juntas um livro, uma série para o segundo grau, que se chamou *Cultura, Literatura e Língua Nacional* – a capa é esse quadro aí, de Humberto Espíndola, não sei se vocês conhecessem... e aí fizemos um livro em que a nossa preocupação era acabar com a aridez dos textos gramaticais de antigamente, não tinham fotografias, que não atraíam a atenção do aluno. E nesse introduzimos histórias em quadrinhos, pintura, música porque sempre achamos que a literatura não pode estar desvinculada, né, desses fatores. Por exemplo, se você estuda o Romantismo, tem que também estudar a pintura romântica, a música romântica e assim por diante. E o livro fez bastante sucesso, adotado no Brasil inteiro – isso foi em 1976.

E daí por diante a gente continuou trabalhando. Aí ela foi fazer pós-graduação, a gente se encontrava, assim, esporadicamente, até que há uns três anos atrás nós decidimos escrever, trabalhar sobre a literatura de Mato Grosso do Sul, fazer a história de vida dos autores de Mato Grosso do Sul e fizemos uma seleção dos autores que a gente achava interessante, mantivemos contato com eles, e assim por diante, como vocês estão aqui, esses autores vinham e sempre terminava com um chá, com um bolinho, sei-lá, muita

risada, era um ambiente muito agradável. E esse foi lançado no dia 31 de março e agora nós estamos fazendo outros lançamentos.

Esse foi meu contato e ainda continuo meu contato com ela e todos os dias ela me telefona, agora...

Gláucia e Rosana: Ah, então aí vem a próxima pergunta que é essa: que tipo de relação que a senhora mantém ou manteve com a Professora Albana, assim, mais especificamente, a relação pessoal e profissional?

Profa. Maria da Glória: É um relacionamento de respeito, de admiração porque eu acho que ela é uma das melhores escritoras do estado e de amizade porque somos muito amigas, muito amigas. Ela todos os dias me telefona pra saber como é que estou, se estou bem. É uma relação de respeito, de admiração e de amizade.

Gláucia e Rosana: Então agora vamos pra terceira pergunta: conte uma passagem, um episódio importante na carreira acadêmica e na vida pessoal da Professora Albana.

Profa. Maria da Glória: Olha, a vida pessoal dela é por exemplo, eu conto que há pouco tempo, ela é muito, pessoa dedicadíssima a família, perdeu uma irmã que era companheira dela, Eva, foi até professora dos meus filhos, ela perdeu, eu acompanhei, foi uma coisa muito triste, assim uma espécie, um choque que, imagina, perder uma irmã querida, né, mas eu acompanhei e vi também como ela superou isso, aguentou e tá levando a vida dela.

E na vida acadêmica, eu conto que ela ia trabalhar com os colegas, o nível dela era muito mais alto que os colegas, como eu já falei aqui antes, e às vezes havia certas alunas que queriam forçar uma comunicação que não se fazia, não é?!? Mas de uma maneira geral, Albana foi uma pessoa que, assim, se propunha, tudo que se queria naqueles quatro anos que eu fui professora dela lá na FUCMAT, sempre observei aquela vontade de pesquisar. Uma vez nós fomos a Bela Vista, ela, quando eu terminei, quando foi criada a Fundação de Cultura, eu fui convidada a ser a primeira diretora executiva e convidei Albana para trabalhar no Patrimônio. Uma vez nós fizemos uma viagem para Bela Vista –

uma viagem assim de conhecimento, mas Albana já foi com um caderno fazendo entrevistas, no sentido de pesquisar, que estava sempre presente nela.

Gláucia e Rosana: E, na sua opinião, como definiria Professora Albana, profissionalmente e pessoalmente?

Profa. Maria da Glória: Olha, profissionalmente como uma professora, uma escritora, dotada de muita competência e, acima de tudo, de muita modéstia. Ela não procura aparecer, não procura aparecer em jornais e nada. Quando ela é solicitada, está sempre disposta a colaborar, a ajudar todas, a valorizar a todos, extremamente modesta.

E pessoalmente, uma amiga que está sempre me ajudando, me dando a mão.

Gláucia e Rosana: A Professora Albana influenciou-a de alguma maneira em sua carreira?

Profa. Maria da Glória: Muito porque ela me deu forças, por exemplo, para fazer este livro e todos os livros que escrevi, eu tenho várias obras de memória, todos eles ela lia e fazia o prefácio, quase todos, sempre incentivando, achando... sempre que eu faço algum texto, sempre, eu tenho a mania de mandar meus textos, quando eu vou publicar, eu mando para ela por e-mail, né, e ela devolve sempre dizendo “está ótimo”, não-sei-o-quê... é uma pessoa que está sempre, o astral dela é sempre alto, e sempre quer colocar a gente num plano alto.

Gláucia e Rosana: Comente como era a relação da Professora Albana com os colegas de trabalho e com os alunos?

Profa. Maria da Glória: Era o melhor possível. Os alunos têm, adoram, eles sempre chamam, apesar de que ela não eleva a voz, ela fala sempre baixo, todos os alunos a respeitam e a admiram, não é?!? E com os colegas também, de muita amizade, até hoje ela é muito amiga de todos. Hoje estive aqui a Doutora Dagma (...), desembargadora, foi colega dela, e quando tocou o telefone foi a Albânia, que ela sempre está me telefonando, e

na mesma hora uma mandou abraços e beijos pra outra, aquela amizade, continua né!?, é o Américo, Diretor da Fundação de Cultura, Presidente da Fundação de Cultura, é um grande amigo, enfim, a Neusa Arashiro, foram colegas, da Fundação de Cultura, continua esse, Idara Duncan, que trabalhou, e todos continuam a amizade. Não é todo mundo que tem esse feeling de permanecer sempre amiga de todo mundo, né!?, os anos passam, “cadê fulano? Desapareceu?”, “não!” A Albana tem uma perpetuidade no coração dos que a conheceram.

Gláucia e Rosana: O que a senhora acha que permanecerá da Professora Albana nas pesquisas acadêmicas, para os alunos e seus colegas de trabalho?

Profa. Maria da Glória: Eu acho que, acima de tudo, os livros que ela deixa, os documentos. O livro dela *O Pantanal – homem e cultura* é um livro fabuloso. E ela viajou pelo pantanal, fez alguns questionários, entrevistou centenas de remanescentes da cultura pantaneira, resultou esse livro que é um livro de ouro.

Gláucia e Rosana: É, quais trabalhos que a senhora julga significativos da Professora Albana?

Profa. Maria da Glória: Eu acho principalmente *O que é o Pantanal*, é o primeiro livro que ela publicou e esse *Pantanal – homem e cultura*, os artigos que ela publicou, por exemplo, na MS-Cultura, ela publicou, no primeiro número, ela publicou uma análise da obra de Manoel de Barros, muito bem feita, esse livro, né!?!... e assim ela sempre tem escrito em jornais, revistas, e principalmente esse livro dela, *Pantanal – homem e cultura*

Gláucia e Rosana: Bom, sobre a Professora Albana...

Profa. Maria da Glória: C'est finit, né!?!?

Gláucia e Rosana: C'est finit (risos)

Gláucia e Rosana: Eu tenho uma curiosidade, desculpa, ...

Gláucia e Rosana: Agora é pessoal...

Profa. Maria da Glória: Pois não.

Gláucia e Rosana: A senhora comentou que percebeu na Professora Albana, como aluna, que ela se destacava dos demais...

C: É verdade!

Gláucia e Rosana: A que que a senhora acha que se deve isso? Que ela tinha muita leitura anterior ou já era alguma coisa dela mesmo, era ...um dom?

Profa. Maria da Glória: Muita leitura, muita leitura. O Professor Areias que foi Secretário da Educação há algum tempo, ele já viu nela esse fogo interior que a Albana possuía, né?!? E só de você ver o jeito, ela escrevia, esse domínio da escrita, saber manipular as palavras, não é todo mundo que faz isso não...

Gláucia e Rosana: De jeito nenhum.

Profa. Maria da Glória: E ela conseguia. A gente viu que ela, todos os alunos escreviam, você vai fazer uma prova, e os alunos escreviam aquela coisa, feijão-com-arroz, e ela não, ela retirava, como ela faz também, vocês vão ver, eu vou dar um exemplar do livro pra vocês, vocês vão ver como ela tira dos textos alguma coisa que a gente não, precisa ter um olhar diferente para aprofundar e ela tem esse olhar. Ela vai fundo.

Gláucia e Rosana: Consegue ver o que poucas pessoas veem.

Gláucia e Rosana: Ótimo.

Gláucia e Rosana: E para finalizar, Professora, nós abrimos o espaço, assim, alguma mensagem que você queira deixar para a Professora Albana – mensagem pessoal...

Profa. Maria da Glória: Albana, que você continue nesse caminho que você está seguindo. Você, cada vez mais, está ganhando luz ao mesmo tempo que você tem uma luz interior você está iluminando os outros. Você está fazendo uma contribuição muito grande para Literatura e as Artes de Mato Grosso do Sul.

Gláucia e Rosana: Que lindo! Obrigada, Professora.
(risos)

Profa. Maria da Glória: É isso mesmo.

Homenageada à Profa. Albana Xavier Nogueira
(Conversas e risos...)

Gláucia e Rosana: Professora, agora nós vamos fazer algumas perguntas (risos)...

Profa. Albana Xavier: pras que vocês querem algumas respostas (risos).

Gláucia e Rosana: Primeira, professora Albana porque escolheu o curso de Letras para sua graduação?

Profa. Albana Xavier: É, falar a verdade, na verdade, eu pensava, eu queria ser jornalista porque eu sempre gostei de escrever, de ler e escrever né, então eu queria ser jornalista, mas eu morava lá em, em Aquidauana, lá em Anastácio aqueles lugares lá e não tinha como, meu pai não tinha como me, me financiar pra eu estudar fora, só tinha São Paulo, né, é jornalismo, aí eu num, num, não podia fazer jornalismo, né? O jeito foi optar por um outro curso que também, assim, me dava essa possibilidade de conhecer literatura, de conhecer a escrita melhor né, de aprender a escrever melhor tudo isso, aí eu fiz letras, e eu acho que, hoje eu penso que talvez tenha sido melhor do que eu tivesse feito jornalismo, porque eu gostei do curso, eu, eu gosto, sempre gostei de dar aula né, então eu me encontrei no curso de Letras.

Gláucia e Rosana: Professora lá no início , como que era ser professor de Língua Portuguesa?

Profa. Albana Xavier: Ah, de língua. Olha eu comecei, eu comecei a dar aula assim, porque quando eu, sempre assim, quando eu estudava o ginásio, que falava ginásio, né, eu gostava muito de escrever como eu disse, então eu fazia umas redações e a princípio o professor (...) , que era o diretor de lá tudo, professor de português tudo, ele era meu professor de português na, acho que era oitava série não sei, uma coisa assim, e ele tinha uma de falar assim, olha façam pra amanhã tal redação e tragam, e eu fazia porque o, o meu pai assinava o Estado de São Paulo só que chegava de quatro em quatro dias,(risos), mas aí eu lia tudo eu gostava de ler eu lia todinho o jornal assim, e ele falou, falava faz a redação aquilo pra mim era a maior glória que ele falasse façam uma redação porque eu já ia pra casa assim doida pensando o que que eu ia escrever(risos), já aquela, e eu escrevia, a redação fazia, e no outro dia ele pegava algumas pra ler né, bom ela falava assim fulano você fez a redação? Leia então pra todo mundo e aí quando, ele mandava ler, nossa, mas tá boa essa redação né, mas ele ficava assim, aí um dia ele falou assim pra mim, olha eu não te dou dez nas suas redações porque você não faz sozinha essas redações tem mão de gato ele falava, mas eu falava meu Deus quem né? Porque eu não tinha ninguém pra mim, eu falava não eu faço sozinha professor, ele falava, não acredito que você faz sozinha, ele assim sabe, aí ele mandava de novo, aí ele ficava assim. Aí um dia, acho que ele falou assim agora eu pego essa fulana, né? Aí ele falou, falou assim: ah, bom deu a prova e falou bom, mas a primeira parte da prova é redação, vou dar o título e deu, e eu (risos) catei e fiz, aí ele falou assim: poxa agora acreditei que você faz (risos, essas redações, aí a partir daí também ele ficou, começou a me incentivar bastante assim né, aí eu fiz o, o curso normal e ele também era professor, tinha uns professores mas ele era professor também e ele sempre me incentivando, né a tudo. Aí quando terminei o ginásio, o curso normal, aí ele falou pra mim: olha vai dar aula de português, numas séries lá porque a gente tá sem professor, eu te ensino tudo, te ajudo e tal, e aí ele me ajudou e eu comecei, mas aí depois eu dei um pouco de aula, mas aí tinha aquela história né, ah, professor leigo, que tá dando aula, mas quase

tudo era leigo também. Aí de repente uma, uma colega minha falou: ah, vamos pra Campo Grande estudar, vamos fazer um curso superior né; tinha minha irmã também, daí nós combinamos, nós viemos pra cá, estudar. Aí que eu fiz o curso de Letras, quando eu, mas quando eu estudei, eu estudei trabalhando, eu dava aula de manhã, as vezes eu dava aula de manhã e à tarde, e à noite a gente ia pra, pra faculdade, né, domingo, sábado, tudo ficava estudando, né, porque tinha que preparar aula tudo, né, e aí assim eu terminei o curso, trabalhando né, e aí logo que eu terminei também, é quando eu tava estudando lá, eles me convidaram lá no Dom Bosco para dar aula, aí eu comecei dar aula no Dom Bosco, no segundo grau eu dava aula, era aquele horror de aluno na sala, cinquenta alunos, (risos), aí quando, aí depois, eu, eu, bom aí, então quando eu terminei o curso, aí eu fui convidada pra dar aula lá em Aquidauana, aí eu voltei pra lá, pra dar aula na faculdade, né. Aí fui fazer carreira lá, né; tudo até me aposentar lá na faculdade, né. Aí eu continuei trabalhando vim pra, aliás, eu já, já vim pra cá já tava aqui, lá, tudo aí eu fui convidada pra dar aula na Uniderp, aí eu fiquei dando aula, dei aula na Uniderp também...

Gláucia e Rosana: Professora tem a terceira pergunta.

Profa. Albana Xavier: Ah! Que você perguntou como dava aula, né? Como.

Gláucia e Rosana: O que é ser Professor?

Profa. Albana Xavier: E eu falei outra, o que era... Era, era isso aí, era acho que a mesma luta de hoje, né, porque as pessoas estudam, trabalham, eu penso que, que nessas primeiras investidas da gente, é difícil, a gente não vai ser bom professor porque você vai errando e vai, né, você vai percebendo o que você errou né, mas a gente sabe o dia que deu uma aula boa e o dia que não deu, né. Não tem que falar que vai ficar toda vida dando do mesmo jeito aula, porque não sei, porque você percebe perfeitamente, né, fala: puxa hoje eu dei uma aula boa, ah! Hoje minha aula foi um saco!(risos), não é assim? A gente percebe e vai, e assim a gente vai aperfeiçoando, né. O que que é? O que é melhor, né, e tudo, e eu sempre procurei assim, é se não dei aulas melhores não foi por falta de preparar, de tudo; eu nunca entrei na sala de aula sem me preparar antes, o que que eu vou dar pra essa turma, como eu

vou fazer, né. Mas assim sempre, eu acho que as dificuldades do ensino elas hoje são as mesmas de antes, até porque na educação nada vai caminhar muito, né? (risos) Então hoje a realidade é quase a mesma, né; as pessoas estudam, trabalham, falta professor, então quem está estudando vai suprir as necessidades, né, vai adquirindo experiência nessas, né, nessas aulas e assim acho que vai indo, porque a gente sofre muito no começo pra dar aula. Risos).

Gláucia e Rosana: Professora a terceira pergunta acho que você já respondeu é: Quais os professores que mais influenciaram pela escolha do curso de Letras? Falou que cursa Jornalismo...

Profa. Albana Xavier: É, é foi é foram os professores mesmo que eu tive que me deram aula lá, né; que eu conhecia e que todos os de Língua Portuguesa, porque eu sempre fui assim desde o primário, quando era aula de Língua Portuguesa eu ficava toda acanhada, eu fiz, eu fiz, quando era aula de matemática eu me escondia atrás assim do aluno, (risos), só pro professor não me ver, não me chamar, porque eu não conseguia fazer nada, não queria fazer nada de matemática.

Gláucia e Rosana: Agora essa é bem difícil professora: Qual professor da faculdade serviu-lhe de inspiração ou modelo em sua formação acadêmica?

Profa. Albana Xavier: É, bom, foi a professora, é grande modelo né, foi a professora Glorinha, mas eu tive também outros professores que foram bons professores assim que eu admirei bastante, eu não vou falar o nome porque foram uns quantos, agora se eu falo outro nome, não falo de outro, mas eu tive professores muito bons que eu admirei também bastante, né. Mas o que a, a professora Glorinha porque ela era uma profê... ela é uma professora envolvente, ela punha a gente pra fazer teatro, pra fazer tudo quanto era coisa assim, você acabava ficando assim, a serviço muito dela, bastante assim, mas você aprendia muito com isso, né, então ela envolvia a gente. O que é difícil né.

Gláucia e Rosana : Professora, algum fato relevante positivo do seu período de graduação, alguma coisa que aconteceu que você gosta de lembrar...

Profa. Albana Xavier: No período de graduação?

Gláucia e Rosana: De graduação.

Profa. Albana Xavier: Vamos ver, de graduação, houve muitos fatos interessantes, por exemplo, é o fato de nós fazermos da nossa turma, fazer peças de teatro, então quando a gente estava estudando um autor, de repente a gente criava, sabe? Houve até peça que eu disse que dirigia, (risos), aí a gente ensaiava de madrugada, saía, terminava a aula a gente ia ficava ensaiando, daí no outro dia ter que levantar cedo pra trabalhar, (risos), mas a gente apresentava e apresenta para pessoas de fora da, da escola, da faculdade, tudo sabe; vinha as pessoas a gente apresentava as vezes no Rádio Clube, as peças, mas foi um fato bastante interessante e também, é eu achei era interessante o que eu acho que são coisas que influenciam os alunos, quando tinha aqueles festivais todos, eu tava fazendo faculdade e aí a professora Glorinha falava vai escreve porque eles pediam relatório, quem fizesse o melhor relatório ganhava um prêmio, que eu não sei mais o que que era o prêmio (risos), e eu fiz, dois anos eu e daí ganhei o prêmio, e aí os meus alunos eu dava aula no Dom Bosco, dava lá na Maria Corrêa Dias, né, e eles, então eles ficaram sabendo disso, eles vinham professora eu vou ser poeta, (risos), aí eles vinham com aquelas... a senhora lê pra mim? Aí eu tinha que ler aquelas poesias tudo e daí que dar um apoio e pedir pra estudar mais tudo, aí vinha outro, ah, mas eu vou escrever um romance, não sei o que, (risos), então eles, eles assim se espelham bastante, sabe, então eles, muitos vinham com aqueles textos todos, aí eu vou ser escritora, vou ser poeta, vou ser isso, e dava pra eu ler, sabe, aqueles textos e eu achava muito legal isso, né. Eu gostava de, que eles gostassem de, que eles tivessem estimulados assim pra, pra ler né, que essa história que se fala, o professor fala para o aluno você precisa ler, mas o aluno nunca vê o professor com um livro na mão né, lendo (risos), então ele, né, como? Ele fala que tem que ler, mas ele não lê, né; ah, você tem que escrever mas nunca escreveu nem um bilhetinho pra ele ver que o professor escreve alguma coisinha (risos), que ninguém vai escrever quer ser escritor, mas escrever

né, ah o professor escreve, vou escrever também, isso é muito importante pra eles, eles gostam disso, né; então eu percebia que eles gostavam, que eles queriam mostrar que eles escreviam (risos), foram fatos assim que eu achava interessante.

Gláucia e Rosana: Agora professora tem assim algum fato negativo, que você lembra algo...

Profa. Albana Xavier: Negativo, em que sentido?

Gláucia: Também na graduação.

Rosana: Na graduação

Gláucia: Da mesma forma que a senhora apresentou um aspecto positivo, alguma coisa assim que a senhora lembra, mas que, que não seja; que seja um dissabor uma coisa que não agradou muito, alguma coisa que tenha marcado negativamente.

Profa. Albana Xavier: No curso assim negativamente não, assim, alguma coisa que às vezes aborreci, de vez em quando aparecia algum professor que ficava enrolando assim, essas coisas (risos).

Rosana: Isso não acontece mais. (risos).

Gláucia : Deve ser da mesma forma que a gente tem o modelo a ser seguido, a gente tem o modelo a ser negado.

Profa. Albana Xavier: Negado (risos).Esse não, né. Que aborrece, né, você fica, ah, porque você tem vontade de sair correndo, né?

Rosana: Professora, quais disciplinas mais a influenciaram?

Profa. Albana Xavier: (risos)Óh, Língua Portuguesa, né, a Literatura Brasileira, portuguesa eu gosto pelo fato de gostar de ler, né, e linguística também na graduação, você tá falando

Rosana: É.

Profa. Albana Xavier: Também me influenciaram bastante.

Rosana: Professora, é pra você assim há alguma diferença entre os cursos de Letras de antigamente e os de hoje? O que você nota, pela sua experiência.

Profa. Albana Xavier: Eu, o que a gente nota, eu não sei, assim, parece que não há uma diferença assim, porque, veja, antes quando eu estudei ou depois quando eu comecei dar aula e tudo, sempre existiram aqueles professores que fazem tudo pra dar aulas boas, prá, prá assim, vamos dizer, cativar o aluno, pra fazer um trabalho bom, e as vezes tem aqueles que tão ali eu acho que, não sei, parece que não tinha outra coisa pra fazer na vida, acharam aquela porta aberta, entraram e não sabe, (o dinheiro), o que fazer. É o dinheiro, né, isso existe no, assim como existia antes eu presenciei durante todo o meu tempo de magistério, e eu acredito que hoje não esteja diferente, e as pessoas, porque o magistério depende muito do ser humano, né, como as pessoas, o que que as pessoas pensam, porque elas estão ali, elas estão ali porque elas gostam de dar aula, porque elas fizeram uma escolha consciente, ou simplesmente pelo que você falou, pelo dinheiro, ah, não achei outra coisa pra ganhar dinheiro, acha? Fica aí, fica lá maltratando o aluno, né.

Rosana: Professora, como foi seu ingresso no curso superior enquanto professor? Depois que você já estava formada, como foi dar aula em curso superior.

Prof. Albana Xavier: Como foi essa experiência que você diz?

Rosana: Como experiência, como você começou.

Profa. Albana Xavier: Foi aquilo que eu falei, aquela experiência mesmo de, de você assim ter que ir descobrindo como que você vai fazer, ter que é escolher, fazendo as leituras e, e tentando preparar as suas aulas da melhor forma possível, né, porque você, você não pode nem chegar e ficar falando pro aluno, ah, eu tô iniciando agora, não tenho experiência, vocês me perdoem, né, o aluno não tem nada haver, nem precisa saber, ele pode até saber que você tá, mas isso não é motivo pra você justificar qualquer coisa, né, ou não preparar bem a aula, ou não saber, porque até você pode encontrar um aluno faz uma pergunta, você na hora não tem, mas você pode falar olha agora na hora eu não, não tenho esta resposta pra te dar, mas eu vou trazer e levar mesmo a resposta, mas é, assim, eu acho que, que é assim mesmo a gente vai, vai apanhando, erra daqui, acerta dali, e vai indo você vai melhorando, né, e preparando, eu nunca consegui assim, eu tinha, até isso aí nem falo, não sei se alguém pode saber, mas eu tinha colegas lá no, no centro universitário que tinham uns caderninhos de dez anos que davam aulas, aqueles mesmos caderninhos, amarelados, sabe? Que, que davam as aulas, sabe? Então, mas gente eu nunca consegui pegar de um ano para o outro aquela mesma aula e dar pro aluno, cada turma é diferente e você mesmo enjoa, né, você vai ficar dando o mesmo exemplo, mesma coisa você não aguenta, nem você aguenta sua aula, (você deixa de aprender também, né?), deixa de aprender também, né; e também uma coisa também assim entre nós, eu tava conversando, fazia uns cinco anos que eu dava aula, então conversando com um professor de, da área não sei se era de administração ou de veterinária assim, são coisas diferentes mas eu não me lembro hoje qual era a área dele, tava conversando e falei assim, mas tem que preparar aula, não sei do que a gente tava falando, ele falou assim: quanto tempo faz que você dá aula na universidade? Eu falei cinco anos; e você ainda tem que preparar aula pra dar? (meu Deus), Eu fiquei, caí o queixo, falei meu Deus, esse daí se faz dez anos, faz dez anos que ele repete a mesma coisa, (risos), (O mundo continua girando), (risos), mas ele não percebe (muito boa), gente, mas tem umas coisas assim que a gente...

Rosana: Professora a senhora desde a faculdade você já se imaginava como professora universitária?

Profa. Albana Xavier: Não, eu não, num me imaginava, eu pretendia continuar dando minhas aulas no curso secundário mas, aí logo apareceu a oportunidade que a, a professora Dóris Trindade que fundou o centro universitário de Aquidauana, né, e, e ela me conhecia assim, de lá, parece até que ela alguma vez, ela, ela foi minha professora de francês e aí quando ela, eu terminei o curso aqui aí ela já falou não, vamos, você vai dar aula lá, daí eu já fui (risos), fui dar aula.

Rosana: Em relação à pesquisa foi uma descoberta gradativa? Ou já tinha este desejo desde o início?

Profa. Albana Xavier: Não no início não, eu, eu tava, passei uns anos assim dando aulas tudo, e trabalhando em outras coisas, até que eu, quando eu fui fazer meu trabalho de, de doutorado mas de doutorado que eu realmente me toquei para o tipo de pesquisa que eu passei a desenvolver, que foram as pesquisas no pantanal, e aí foram as coisas mais maravilhosas que eu já fiz porque, essa história de você entrevistar, né, pessoas, de você conversar com as pessoas, isso é uma coisa, não sei, uma coisa extraordinária, né; agora pensa você ouvir aqueles peões lá no pantanal, aquelas pessoas analfabetas, falando coisas que parece que gente que tem faculdade não tem a consciência, a sabedoria, né? Que coisa fantástica aquilo, eles tem uma sabedoria assim que você, você fica assim boba, estática, assim, mas é uma coisa fascinante, viu, fascinante mesmo trabalhar com eles. Eles são, eles são engraçados, se você trabalhar você vai ver, só você ficando lá com eles pra você saber depois quando que eles mentem, quando eles falam a verdade pra você, (risos), (e essa é a parte gostosa, conseguir perceber), essa parte, é, então, porque eles são capazes até de vim depois te chamar em particular e perguntar, fala: olha aquilo que eu falei assim (risos), sabe, (acaba sendo confidente), é isso mesmo, mas é muito bom mesmo.

Rosana: Professora como foi e como é sua relação com os alunos de Letras durante esses anos?

Profa. Albana Xavier: Eu acho que as minhas relações foram sempre boas, com os meus alunos, né?

Rosana: Com os alunos.

Profa. Albana Xavier: Porque eu sempre assim, pelo menos da minha parte eu procurei ser justa, essa história de ser justa, né, não importa se você é amigo, se você não é, se tá bom, tá bom, se não está vamos fazer de novo, vamos refazer, e eu sempre procurei assim, orientar naquilo que eu pedia pra fazer, sempre procurei corrigir, vamos dizer assim, muita gente tem essa posição não, não vamos corrigir, mas eu acho assim, se você não diz pra pessoa, tô falando corrigir assim no sentido, isto aqui está errado, não faça assim, faça assim, então pra quê que adianta você mandar fazer; não sei se eu sou ultrapassada, (risos), mas eu, mas eu, eu acho que não tem sentido mesmo agora você, essas crianças, você vê aí as vezes na escola, a criança faz as coisas e o professor, não, não dá resposta, ela não sabe se errou, não sabe onde e não tem vontade nem, não sabe, nunca vai aprender, porque se o professor não ensinou, vai passando de ano, cômodo, né. Com essa história Língua Portuguesa ficou difícil de ensinar, né, com essa história inventaram uns mitos aí, não se podia corrigir nada, né, deixasse o próprio professor Vanderlei, que tinha, que começou este tipo de discussão ele falou que não sabe da onde que inventaram isso, que não era isso que tava dizendo, tava dizendo que não era pra você ficar ah! Menino você tá errado! Mas você vai mostrar pra ele como que é o certo, né. Pra que então, veja bem vocês acham que tem sentido existir uma escola que vá, vamos dizer, vamos ensinar a Língua Portuguesa, (vamos aceitar tudo o que se fala como se fala), tá, aí não precisa de, de escola porque falar a Língua Portuguesa ele fala, qualquer índio ou branco fala, né; agora o que que você tem que ensinar gente, as regras, as normas para falar bem, não é? (risos) Não é verdade? Vocês concordam? Porque senão pra escola gente, né? Fecha. Eu não sei sempre achei assim, e eu sempre mar... mostrei o errado, esse assim nunca acho que, nunca eu vamos dizer assim traumatizei ninguém, porque eu nunca falei, o seu burro você tá fazendo errado; olha não é assim, vamos fazer assim e tal, né, ou então vamos mostrar lá no quadro como é que, né, porque se não o quê que adianta? Continua, né? Errado.

Rosana: E quanto aos colegas de trabalho, como que foi sua relação, como é sua relação com os colegas de trabalho?

Profa. Albana Xavier: Foram como acho que todas as relações, há pessoas que você tem mais amizade, que você tem aquela mais assim, eu vou, profissionalmente, você comunga mais com as ideias, que você trabalha junto, existem aquelas outras pessoas que parece que tem prazer em achar que tudo o que você faz, que falam que não é assim, né, que tá errado, que, que deve ser assim, então sempre você encontra aquelas pessoas que, aquelas que eu falo assim, que parece que tão ali só pra atrapalhar, (diminuir, atrapalhar), é, isto, exatamente; eu sou estrela o resto, isso aí, esse resto vocês nem ouçam, né; eu convivi com isso lá no céu, uma professora, uma de professora .(risos).

Rosana: O que é a Universidade pra você atualmente?

Profa. Albana Xavier: Eu penso continua a Universidade sendo aquele local que vai aperfeiçoar o conhecer, vai dar é um conhecimento novo, tem que dá um conhecimento novo assim, de vanguarda, mas que não pode também esquecer o, o lastro todo anterior das pessoas, da, do próprio conhecimento, né; então não é só diacronia, nem só sincronia, eu penso que as coisas são, tem que existir essa, essa medida certa, né, do que, é, do que é bom, do passado, o que que ainda persiste, né, e aquilo que é um conhecimento que já não, vamos dizer, tá descartável hoje, né, mas existe aquela, aquele outro tipo de conhecimento, aquele outro tipo de informação que é necessária, não importa se...permanece, não importa quem seja se os seus precursores já não existam, que já não, mas foi a base, sem você ter aquela base você não consegue seguir adiante, né. Você vai fazer uma casa e deixar só o telhado flutuando lá em cima né, você tem que ter da onde veio, né, tudo isso, né.

Rosana: E essa cumprimenta a anterior, o que era a Universidade na sua época de aluno ou início de carreira, o que mudou? Algo de lá pra cá, melhor, pior.

Profa. Albana Xavier: Olha eu penso assim que, no mundo moderno, no mundo contemporâneo a maioria das coisas elas vão mudando pra melhor, porque as coisas vão se aperfeiçoando, né, não pode retrô...retroagir sempre tem que, eu acredito que as coisas vão mudando, que as informações elas são, as vezes sai informações mais ágeis, mais, vamos dizer assim, postas mais próximas do aluno, né, que às vezes na, no passado era já mais

difícil, né, as vezes pra você ter contato com certos, com livros, com determinados, determinadas novidades, né e hoje é mais fácil você ter esse conhecimento, né; então eu penso que, que a Universidade tem assim progredido bastante no sentido de buscar sempre uma melhora e tem conseguido, né. A gente sempre critica as coisas, mas isso, aquilo, é, que não é culpa da Universidade as vezes que, são alunos que vêm mal preparados, que vão chegando agora, (e que também sofrem), e que também sofrem, coitado, você pensa chegar ali não sabe escrever direito, não sabe ler, coitadinho o que ele vai fazer, né, e o professor coitado também risos) o que faz, né? Se ele falar assim bom, se considerar que ninguém sabe nada, vou reprovar todo mundo que ninguém sabe nada, amanhã ele tá na rua, né e também não tem sentido, tem que ver né, e se ele também fala assim: bom todo mundo tá ótimo vambora, pode ser que ele esteja precisando, né (acabamos todos engolidos pelo sistema, pelo processo), isso, pelo processo, então é sempre uma faca de dois gumes, a gente tem que tá atento.

Rosana: Professora, agora nós gostaríamos que você comentasse um pouco sobre sua produção científica. Desde sua opção teórica e professores ou colegas que a influenciaram?

Profa. Albana Xavier: essa, bom ah, eu, deixa eu ver de onde que eu começo, eu comecei, é, realmente assim a, vamos dizer assim a publicar alguma coisa, a escrever, a publicar a partir do momento que eu realmente me defini no meu campo de pesquisa, né, eu me defini pelo pantanal pra estudar essa, essa relação toda, cultural linguística do peão, principalmente do peão, vaqueiro, né e isso tudo aí tem mil relações, né, dele com o patrão, dele com eles mesmos, deles com a gente, né, e foi a partir daí que eu defini o meu, o que que eu ia fazer, como que eu ia fazer, aí passava muito tempo no pantanal fazendo as pesquisas, indo de fazenda em fazenda, tendo estes contatos, voltando aí vendo o material, eu fiz o meu, meu trabalho de doutorado foi sobre a linguagem do homem pantaneiro, né, ainda fiz um trabalho ali com conteúdo bem diferente, sabe como que é depois, eu trabalhei com a parte fonética, fonológica, parte morfológica, todas; eu devia ter trabalhado uma parte dessas e pronto né, mas a gente sempre faz essas coisas (começa, vem a

curiosidade e você quer responder, aí vem a outra), é exato, e aí eu quis estudar dentro desta perspectiva e , aí foi quase mais um trabalho braçal as vezes do que (risos), porque só pra você fazer a transcrição, só pra você procurar em dicionário, você procura ai meu deus, você procurar as coisas, só o manual assim já te dá uma canseira(risos), e depois você ter que fazer, você ter que, nossa senhora., é muito; o mais gostoso são as viagens, mas assim mesmo a gente passa muita coisa, muita, muita dificuldade assim que depois a gente acha interessante sabe assim, porque são fazendas que ficam sem os patrões, né, só com os gerentes, os capataz, são fazendas... Casos de assombrações, aí você passa a ficar com medo (risos), ai que horror, e eles sabem que a gente tem medo, aí então eles começam a tomar o chimarrão assim de tardezinha, aí eles já engatam uma história de assombração (risos), aí também entra a parte das mentiras, eu, eles numa fazenda lá na parte da Inacolândia quando eu fiquei lá, até foi por acaso, mais que eu acertei, tinha um peão lá e ele começou contar uma história lá, aí eu comecei achar que aquilo não tava certo, e começou contar exagerado, aí não sei o que que ele falou, ah, porque não sei o que, porque isso, aquilo, eu falei assim mas você tá só mentindo, não tá? Ele deu uma gargalhada e falou assim, como que a senhora sabe que eu tô mentindo? (risos) Eu falei, ah, porque eu sei, só pelo jeito de você falar, ai então ele fez hã, então não posso mais mentir pra senhora, (risos), tinha cada coisa assim sabe, legal. E aí então eu comecei a fazer os trabalhos, publicar algumas coisas, fiz aquele livro sobre o pantanal e a cultura né, fiz na da Brasiliense eu fiz O que é Pantanal, foi esgotado e, daí mas, assim como que é, é pobre assim não tem vez, porque eu fiz com o doutor Caio, né, que era o dono da Brasiliense, eu escrevi pra ele, daí ele gostou da proposta que eu fiz, eu mandava o material ele falava não isso daí tá muito acadêmico faz assim, assim, é pra gente que não conhece nada que você tem que escrever, aí eu mudava mandava pra ele, ele escrevia bilhetinhos assim tudo, e aí ele depois mandou, depois de dois anos, sempre ele mandava alguma coisinha, ele mandou uma carta que ia fazer revisão do livro e ia republicar, ia fazer uma enciclopédia, em cima disso tudo, o que é isso, aquilo, e aí, logo, logo, assim ele faleceu; ele gostava de ir de moto, ele ia de São Paulo pra um sitio que ele tinha, não sei, numa cidade do interior e um dia ele ia indo capotou e morreu, aí depois quem ficou lá foi a mulher dele, mas eu não tinha contato com a mulher dele, aí não houve...

Gláucia: E o seu trabalho de uma perspectiva acadêmica estava indo pra uma, uma visão assim pra, segundo o desejo dele que isso daí fosse divulgado além das academias, né?

Profa. Albana Xavier: É.

Gláucia: Que as pessoas fora do meio acadêmico tivessem acesso a este tipo de informação.

Profa. Albana Xavier: Exato, pra pessoa que tá começando, ele fala assim que é curiosa.

Rosana: Professora, se fosse homenagear um ex- professor, quem seria e por quê?

Profa. Albana Xavier: Ah, eu teria que falar que seria a professora Maria da Glória, né, porque ela me ajudou muito, porque ela sempre me incentivou, ela continuou trabalhando comigo e é minha amiga, eu sou amiga dela (risos).

Rosana: E se fosse um colega ou amiga de trabalho, quem seria e por quê?

Profa. Albana Xavier: Meu Deus, deixa eu ver, são tantos, é ruim a gente falar né, assim porque, a gente trabalha com tanta gente cada época a gente tem mais contato com um com outro, colega assim, e aí aquele você tem mais amizade de repente some, desaparece, né, e você, são fases, eu nem sei, agora, tem bastante, tem, olha uma pessoa que eu admiro bastante no trabalho é a Maria Leda, porque ela é uma pessoa, assim ela é ali em cima sabe, tá ali, ela, fazendo assim, ela não é dessas pessoas, ah, deixa os alunos pra lá, o trabalho dela de doutorado ficou muito bonito, o trabalho que ela fez, inclusive ela foi alguma vezes comigo no pantanal, aí nós ficamos lá na, rua, daí já era na, não era mais na base da federal, é da Uniderp, é na, esqueci o nome da fazenda agora, fazenda, era Santa Elisa, mas eles deram um nome na base, esqueci, esqueci agora. (alguns comentários) A

Maria Leda agora ela parou, mas o trabalho dela, não elas estão com um projeto que se for aprovado, é um projeto muito bom, muito grande que vai, vão fazer todo esse estudo sobre, vão reunir os trabalhos e vão aprofundar os trabalhos... (comentários e risos), é muito bom porque ela é muito responsável.

Rosana: Professora, que mensagem você deixaria para os atuais acadêmicos de Letras?

Profa. Albana Xavier: Mensagem, eu, eu deixaria como mensagem que você, pra você realmente ser um bom professor você tem que gostar, amar a profissão, amar a leitura, né, amar essa vontade de criar alguma coisa, de escrever, e sobretudo assim, admirar, gostar do seu aluno, porque saem tantos alunos maravilhosos, por exemplo o caso da Lora, a Lora nossa ela eu acho assim também uma pessoa fora do sério, ela é muito estudiosa, inteligente e é responsável, ela não é professora também que compra aluno, é não sei né, ela exige e você tem que fazer, foi uma das grandes alunas que eu tive, eu gosto muito do trabalho dela, gostava muito como aluna e ela era uma ótima aluna, estudiosa e comecei a ver o trabalho dela, eu achei, eu acho excelente.

Rosana: Que mensagem você deixaria para os colegas de trabalho nesta longa caminhada?

Profa. Albana Xavier: (risos) Ah, que a caminhada é longa, tem momentos bons, momentos ruins, momentos de desânimo, mas eu acho que no fim os momentos bons são compensadores eles superam todos os outros.

Rosana: Professora, se você fosse recomeçar sua atividade profissional, teria algo que você faria diferente ao longo da carreira?

Profa. Albana Xavier: Ah, sim, teria, porque quando eu comecei, ah, mas aí eu iria começar também sem saber, né, (risos), eu ia falar quando eu comecei não sabia quase nada, eu, eu ia, acho que praticamente a maior parte das coisas eu faria do mesmo jeito,

porque eu sempre procurei assim, ser responsável, preparei sempre as minhas aulas, lia bastante, estudava bastante, gostava dos meus alunos, gosto até hoje dos meus alunos de vez em quando a gente encontra, tem uns que somem, desaparecem, tem uns que a gente encontra sempre, então eu acho que faria mais ou menos, aliás teria que fazer diferente hoje porque o mundo hoje é diferente, eu não poderia fazer exatamente igual, tinha que me adaptar, tinha que fazer como as coisas acontecem hoje, né, no mundo de hoje, mas com relação, aluno assim, ao estudo, conhecimento eu acho que eu faria isso mesmo, continuaria, iria estudar mesmo, iria me dedicar.

Rosana: Qual era a maior dificuldade da sua época de graduação? O que era o maior obstáculo.

Profa. Albana Xavier: Obstáculo?

Rosana: Dificuldade encontrada. No seu ponto de vista.

Profa. Albana Xavier: O que eu acho sempre assim que era mais difícil pra gente ter o material, os livros, as coisas que hoje é mais fácil, até pra você comprar pela internet, você quer um livro você vai lá, tá, tá, tá, tá; e antes não você tinha que comprar, é, escrevia pelo serviço de reembolso postal, esperava o livro chegar uns quinze dias, né, quando a gente queria algum artigo era naquele, como chamava? Comute, né? Da biblioteca lá que você tinha, aí você pedia até chegar também aquele artigo lá, e agora não, você vai ali na internet você acha, então as coisas hoje são bem mais fáceis, né. A gente tem mais facilidade hoje para chegar ao conhecimento, mesmo algum livro estrangeiro, tudo, tudo é mais fácil, você tem tudo com mais rapidez que a gente não tinha.

Rosana: Professora e quanto ao graduando de hoje qual é a maior dificuldade que você pode observar?

Profa. Albana Xavier: Olha eu penso assim, aquilo que a gente falou, parece que os alunos eles tem vindo assim com mais, menos assim, menos conhecimento das coisas,

parece que o ensino tá muito fragmentado, ele vem com aqueles fragmentos das coisas assim, mas não tem muita noção do todo, são partes que ele vê que ficam as vezes muito soltos, uma coisa que eu não sei como vocês veem mas que eu acho horrível, é assim, existe, o, porque o pessoal também fala mal do livro didático, não é porque eu tenha feito aquela coleção com a professora Glorinha que eu vou falar que não, tem os seus defeitos, mas como tudo, não existe nada perfeito, né, mas o livro didático pelo menos ele chegava o texto ali todo prontinho, corrigido pro aluno, aí inventaram aquelas histórias de fazer o texto, de preparar as vezes o professor não tem tempo, ele pega, aí ele vai lá no livro didático copia lá um texto qualquer de lá, leva, inventa outras coisas lá, tá fazendo coisas diferentes, não tá tirando do livro didático, então, mas uma coisa assim que sempre me incomodou o fato, vem as coleções pra quinta, o fundamental, tudo, aí o professor pega um ano ele escolhe da coleção ele escolhe o livro, aí no outro ano vem a coleção ele pega e troca o livro, pega outra coleção, então Língua Portuguesa as vezes o aluno fica os quatro anos do nível fundamental ele fica estudando a mesma coisa porque, um autor começa com a parte de fonética, o outro começa com morfologia e outro pode começar com a sintaxe, então tem aluno que não dá sequência, fica e acaba não estudando muitas coisas, então acho assim que é muito importante se você vai escolher uma coleção pra trabalhar escolha uma olhe da primeira até o último e aí você fique com este livro, você vai trabalhar e o aluno vai ver tudo, todos os assuntos que ele precisa ver, né, senão fica naquilo eu já vi assim exemplos, assim de o aluno ficar, sempre está estudando morfologia, não sai daquilo, porque ele tava com um livro que começava, e ele pega outro lá no outro ano, lá no outro ano é morfologia que começa, eu acho muito difícil isso, né.

Rosana: Professora quais os dissabores evidenciados na academia?

Profa. Albana Xavier: Ai eu acho assim são muitas coisas, que a gente sabe que pode acontecer, você vê as vezes pessoas que são beneficiadas mais do que as outras, não sei porque, conseguem mais facilmente as coisas é igual, vamos dizer igual na vida real (risos), é assim mesmo, sabe alguns são privilegiados, outros ficam só tentando tirar o tapete dos outros, gente tem espaço, eu sempre parti do princípio tem espaço pra todo mundo, ninguém vai ocupar o mesmo espaço, porque você não pode ocupar o mesmo

espaço, tem espaço não precisa brigar, mas tem gente que fica ali só tentando derrubar o outro, o tempo todo, tramando, em qualquer profissão é o ser humano que é assim, né. Às vezes até impede que alguma coisa seja feita, porque não foi ele, tem muito isso, não só na academia como em todos os lugares que a gente vive assim tem essas coisas, são coisas da vida.

Rosana: Professora, você lembra de algum aluno que tenha recebido influência sua para seguir carreira acadêmica?

Profa. Albana Xavier: Eu não sei assim, porque o aluno às vezes tem essa coisa, né, ele vê o professor fazer, ele gosta, ele faz, eu acredito que tenha, tinha assim, ah, eu vou estudar, eu vou fazer Letras, eu gostava de estudar português com você, eu gostava de estudar literatura, então a gente sempre encontra o aluno, às vezes ele tem consciência às vezes até inconscientemente pode ser que ele tenha sido influenciado por aquele professor.

Rosana: professora, o que é ser professor e pesquisador nos dias de hoje?

Profa. Albana Xavier: (risos) Eu acho que é quase ser um herói, porque com todas essas dificuldades, porque você sabe professor né, professor não é valorizado na nossa sociedade, você sabe que é, ele é sempre o, você pode ver até assim o professor ele tem doutorado ele vai sempre ser o professor fulano, aí, mas o estudante de medicina quando ele está fazendo a residência, ele é o doutor, né, o outro tá fazendo direito, né, alguém ouve que tá fazendo direito aí já chega doutor, né, vestiu terninho doutor, né, então o professor ele pode, as pessoas, ele pode até ter doutorado, que, porque ele faz uma faculdade, assim como os outros (pode usar o jalequinho branco), (risos), ele, ai é professor, parece que as pessoas já falam ah é professor, é professor, né, assim, então ser professor assim é um, vamos dizer assim, optar por essa carreira a gente poderia dizer que dependeria desse dom de professor, a gente sabe que não acontece isso porque muitas pessoas que não tem o dom para isso se aproveitam da oportunidade e entram e as vezes ainda vão incomodar aqueles que realmente poderiam até fazer um trabalho melhor se não tivesse alguém pra ficar só incomodando ainda, azucrinando em vez de colaborar, então eu

acho que tanto hoje como sempre ser professor, ser pesquisador foi uma coisa assim que, eu tô falando professor no verdadeiro sentido uma coisa assim que exigiu da pessoa um grau assim, vamos dizer assim de dedicação que as vezes outras profissões não exigem da pessoa, né. Porque todo mundo que vai ser professor sabe que vai ganhar pouco, (risos), que vai ter que trabalhar muito, que vai ter que lidar com pessoas, principalmente às vezes adolescentes e hoje tá muito difícil nessas periferias aí, eu penso assim, Deus me livre que pra pessoa dar aula aí nessas periferias tem que ter uma dedicação, ou então uma necessidade muito grande, porque a gente vê todo dia cenas de violência esse tipo de coisa, né; e pesquisa também vocês sabem como que é a pesquisa no Brasil, né, ninguém valoriza, dinheiro tem pra tudo que é coisa menos pra pesquisa, quando alguém vai pedir, solicitar uma verba mínima pra pesquisa, ah, mas aí não tá muito vamos cortar, corta pela metade, então a pessoa não tem carro pra fazer a pesquisa, quando é o combustível, você tem que calcular o combustível que você vai gastar e você tem que ficar controlando, olha é muito difícil, viu porque quanto menos eles dão pra pesquisa mais eles ficam ali em cima achando que você vai gastar com outra coisa, aquele dinheiro mínimo que não dá nem pra você fazer a pesquisa, e também tempo também pra você ir, você tá trabalhando, como, é difícil, você sair sábado, domingo as vezes é longe, lá no pantanal quando você chega num dia, aqui a gente saía quando tava na Uniderp, a gente saía sexta-feira, as vezes, ou então sábado de manhã aí chegava lá já tarde, né, ficava domingo aí já tinha que vir embora, então você não chega a fazer a pesquisa que você queria fazer, porque não dá nem tempo de você entrar em contato com as pessoas, e as pessoas trabalham, é porque eles trabalham às vezes sábado e domingo...

Gláucia: E o pesquisador também porque tem que voltar para dar aula.

Profa. Albana Xavier: E o pesquisador também, é complicado. Quando eu ia fazer, quando eu tava fazendo o meu trabalho, eu ia nas férias, durante as férias, ficava Janeiro, ficava assim Junho, sabe? Lá, que aí dá pra você ir nas fazendas entrar em contato com eles.

Rosana: Professora, o que lhe proporcionou maior alegria na sua carreira acadêmica?

Profa. Albana Xavier: Eu acho que na minha carreira acadêmica uma grande alegria foi o fato de eu conseguir trabalhar na Universidade, eu nunca imaginei que eu fosse trabalhar, foi o fato de eu fazer meu trabalho, de eu defender minha tese, essas aí foram as alegrias profissionais que eu tive.

Rosana: Professora nós gostaríamos que você comentasse mais um pouco sobre a sua pesquisa feita ao longo da carreira.

Profa. Albana Xavier: Em que sentido? Porque a partir do momento em que eu comecei a fazer essas pesquisas, que comecei me dedicar, eu comecei assim a me apaixonar pelas pesquisas, a fazer essas viagens, viagens difíceis, porque pesquisar no pantanal não é fácil o negócio é muito difícil, às vezes você anda duzentos e quarenta quilômetros pra você chegar numa fazenda, que tava marcado que tinha alguém, que sabia que tinha, aí você chega lá naquele dia não tem ninguém, foram todos pra cidade, foram todos porque tem isso também, ou aconteceu alguma coisa e eles tiveram que sair, aí você volta sem nada, agora nestes últimos anos tem o celular também para comunicar, mas tempos atrás não era assim, mas era, eu fazia assim antes né, ficava nas férias fazia, depois a gente ia fim de semana, depois ficava na Uniderp, mas assim sempre trabalhando lá no pantanal, tem uma revista que saiu uma entrevista só sobre, não sei se vocês viram, que eu falei sobre as minhas pesquisas no pantanal todas.

Gláucia: Aquela A Gente de Maio?

Profa. Albana Xavier: Acho que foi, ali eu conto todas essas pesquisas pantaneiras, né, mas o que sobra disso é que o contato é muito bom, o contato com as pessoas, a maneira como você é recebido nas fazendas, algumas você é recebido assim ,que você conhece pessoas muito bem tal, outras vem com certo receio o que que essa daí tá querendo, houve uma época que eles estavam com aquele negócio da tradicional família brasileira, tinha umas coisas, andavam com umas bandeiras, tinha esse negócio de Incra, tava tudo misturado, então eles não queriam nem saber da gente, mais uma né, eles ficavam... tinha coisas interessantes que na época dos acontecimentos foi muito forte pra mim, quando eu

tava começando, comecei assim a querer procurar os informantes, né, da minha pesquisa, eu fui naqueles fazendeiros de Aquidauana, muitos eu conhecia pra perguntar, pra saber, pra vê como que eu fazia pra ir na fazenda e tal, e não sei quem que me indicou um senhor que ele era de Corumbá aí ele estava em Aquidauana, mas eu não sabia quem que era, nada, eu não sei porque que eu fui justamente na casa daquele homem, Bom eu falei vou lá, eu cheguei lá e falei o senhor que é seu fulano e tal, ah, o senhor tem fazenda lá em Herculândia, tenho sim ,não sei o que, aí eu falei pra ele, perguntei o senhor tá morando aqui, tô não sei o que, aí eu falei assim, ah, aí eu conversei com ele, falei tal que tava fazendo pesquisa e tal, aí ficamos conversando e ele conversando assim sabe, muito bem, aí ele falou assim pra mim, a senhora é da onde, é de São Paulo? Ou é do Paraná? Desse jeito, eu falei não, sou aqui de Mato Grosso do Sul, aqui de Aquidauana, sabe quando você vê no olho da pessoa que ele morreu (risos), mas aí ele falou na mesma hora pra mim, sobre o pantanal não tem mais nada pra dizer, porque tudo o que tinha que dizer veio um pessoal aí e já escreveu, a senhora compra um livro, alguma coisa que a senhora vai ver, gente, eu, olha, eu fui pra casa eu queria chorar, assim eu falei meu Deus eu não vou mais fazer esse trabalho, porque como que eu vou fazer, né.

Gláucia: Se o primeiro já toma uma paulada dessa.

Profa. Albana Xavier: Aí fiquei tempo assim, um mês, quieta, aí, até que eu contei pra uma pessoa conhecida, fazendeiro, mas logo pra quem que você foi falar, esse homem aí ninguém fala com ele, esse homem aí é um... Eu falei, meu Deus, mas me falaram esse homem, parece que era perto da onde eu estava assim e eu falei vou lá então, né, aí que eu fui, a pessoa ainda falou quando você for, você pergunta primeiro vê com a gente assim, tal, ai, depois nunca mas também (risos), tudo bem mas assim, foi a primeira, sabe, era pra desistir, pra testar.

Gláucia: É pra deixar mais forte, como aquela passagem que tem , o cara plantava árvore e ele batia não punha água e tal, pra raiz descer, ser mais profunda e crescer mais forte (risos).

Profa. Albana Xavier: Era pra isso porque não mereço, primeira vez chegar no home, ah, a senhora é de São Paulo? Paraná? Não sei o que que ele tinha com o Paraná. Ah, tudo o que tinha pra falar do pantanal já falaram, a senhora compra livro pra senhora ler! Pode uma coisa dessa?

Rosana: Professora, agora nós já estamos encerrando, não sei se as colegas tem alguma pergunta pra fazer...

Gláucia e Rosana: Professora mais uma vez nós queremos reiterar nosso agradecimento, por ter nos recebido, obrigada!

Contato Profa. Albana Xavier Nogueira sobre a Profa. Maria da Glória Sá Rosa

Gláucia e Rosana: Boa tarde, Professora Albana. Obrigada por nos receber em sua casa. Estamos Gláucia, Rosa e Rosana, hoje é segunda-feira, 5 de setembro de 2011. Quando e como a senhora conheceu a Professora Glorinha?

Profa. Albana Xavier: Conheci a Profa. Glorinha na faculdade de Letras, no curso de Letras. Ela era professora, dava várias disciplinas, dava Língua Portuguesa, da Literatura Portuguesa e Brasileira, e fui aos poucos, eu fui assim, é, me aproximando. No começo, foi muito difícil. Era dava, era aquela professora, né, assim tal, todo mundo tinha um certo “Oh, a Professora Glorinha”, e ela também era.. dureza, né?!?..

Aí, eu, aos poucos, eu fui conhecendo porque sempre gostei de escrever, sempre gostei de ler e tudo e, aos poucos, eu fui, assim, nas minhas provas eu fui, eu escrevia bastante, eu mostrava que eu tinha lido, que eu conhecia aquilo que ela tinha dado, tudo, e ela foi percebendo essas, vamos dizer assim, esse meu modo de ser assim, e foi... de vez em quando, falava: - Ó, você não sei o quê e tal, você fez uma prova assim...

Um dia ela falou pra mim “Ah, você fez uma prova muito boa, mas teve alguns erros de português”. Falei “Ai, meu Deus, certamente eu estava apressada, fiz rápido, né”... tá, e assim foi, eu não sei como vocês querem que eu conte, mas ela era muito justa, assim, muito exigente. Eu, já no último ano, me parece, ela já sabia que eu fazia as coisas, tudo,

eu tirava nota boa com ela, e um dia eu me esqueci de fazer um trabalho de Língua, não, de Literatura Portuguesa...

Gláucia e Rosana: Acontece com todo mundo, Professora!?!

(risos)

Profa. Albana Xavier: Eu me esqueci! Me esqueci e achei que estava tudo bem, tinha feito a prova, tinha feito todos os trabalhos. Quando foi um dia antes de dar, de ter que entregar a nota pra ela, ela chega com a lista lá: “Ah, fulano, fulana não me entregaram o trabalho”, né, e aí falou pra mim, “você está com 9,0, você vai ficar com 4,5 porque você não me entregou. Eu falei: “Professora, me dê uma chance...” Ela falou “só se amanhã, às seis e meia da manhã, se esse trabalho estiver na minha porta. Aí eu passei a noite inteira fazendo o trabalho (risos). Quando tinha seis e meia, antes das seis, seis e meia, lá, enfiei o trabalho na porta (risos). Aí, fiquei com nota, né, mas quase, se ela não falasse nada, eu ficaria com 4,5, né, porque...”

Gláucia e Rosana: Que apuro!

Profa. Albana Xavier: Mas, assim, e daí a gente foi se conhecendo, tudo, quando terminei o curso, aí ela perguntou se eu não queria fazer um livro com ela, um livro didático, aí eu aceitei, né, fiz, o desafio, a gente fez todo o livro e, a partir daí, eu fiquei sempre, assim, amiga dela. Passei assim, a gente passou um tempo sem trabalhar muito, juntas, assim, porque eu fui pra, fui pra..., estava na Federal, depois na Uniderp, comecei a fazer essas pesquisas no Pantanal, tudo, então a gente se distanciou um pouco.

Aí depois, a gente começou de novo a se... a ter contato, maior. Mas eu admiro muito, eu acho que, vamos dizer assim, 80% do que eu consigo fazer, assim, foi pelo incentivo, pela orientação, pela admiração que eu tinha por ela, tenho, né, por ela!

E: É muito bom ouvir essas histórias!

Gláucia e Rosana: Que tipo de relação que a senhora mantém com a Professora Glorinha - relação pessoal, profissional?

Profa. Albana Xavier: É, profissional, pessoal... ela, por exemplo, agora, depois que o esposo dela faleceu... ela perdeu o filho, que eu gostava muito dele, o José Boaventura, se identificava muito com ela...., ela ficou muito abatida, depois ela perdeu o marido dela, e aí ela foi ficando, ficava muito sozinha, assim, daí eu fui, me aproximei um pouco mais dela... falei “nossa, ela está precisando, está muito sozinha né”... e aí de vez em quando ela fala pra mim assim: “vamos lá pro shopping almoçar?” E se eu não tenho nada pra fazer, “vamos, vam´bora!” Aí vamos, “vamos em tal lugar!” “Vamos.”, saber?!?, então a gente, agora eu fiquei assim mais perto dela porque eu sei que ela está precisando. Os filhos moram longe, só um que mora aí, né, mas é médico, fica o dia inteiro trabalhando, né?!?, então eu sempre estou tentando dar uma... uma...

Gláucia e Rosana: Conte uma passagem, um episódio importante na carreira acadêmica e na vida pessoal da Professora Glorinha.

Profa. Albana Xavier: Ai, meu Deus, tem tanta coisa... (risos)... aí não dá nem pra falar porque...

Gláucia e Rosana: Algum que tenha marcado...

Profa. Albana Xavier: A mim? Algum fato dela?

Gláucia e Rosana: Algum feito dela que tenha marcado a senhora.

Profa. Albana Xavier: Nossa! Todos os feitos dela... agora não está me vindo alguma coisa, excepcional assim, mas, sempre assim... todas as coisas que ela faz, assim, eu acompanho, eu... é um marco, eu acho porque eu considero porque fosse uma espécie assim de uma mãe intelectual, sabe?!?, que eu tenho, então eu me emociono com as coisas, com todas as coisas que ela consegue e ela é uma pessoa que, ao longo da vida, ela só conseguiu coisas boas, né, não só para ela, em termos de vida cultural, mas também para Campo Grande, pros estudantes, pra todo mundo, né, então assim, nessas coisas todas eu

estou sempre, assim, envolvida, eu estou sempre feliz, é, estou sempre me sentindo assim feliz pelo fato de ela conseguir todas, tudo isso que ela tem conseguido, né.

Quando me perguntam um fato assim, vocês falam...

Gláucia e Rosana: É, pra achar um, acaba ficando difícil, já que convivem há tanto tempo...

Profa. Albana Xavier: É, foge assim...

Gláucia e Rosana: Normal...

Profa. Albana Xavier: Eu acho assim todos os fatos, e ela tem, a vida dela é uma sucessão de fatos interessantes, né, de conquistas interessantes, não só pra ela, mas pra própria cidade de Campo Grande, de Mato Grosso do Sul, né, então...

Gláucia e Rosana: Em sua opinião, como a senhora definiria a Professora Glorinha, profissional e pessoalmente? Como é a Professora Glorinha pra senhora?

Profa. Albana Xavier: Isso é muito difícil... (risos). É, profissionalmente, é isso que eu te falei: ela é uma espécie de mãe intelectual, um modelo que eu assim procurei me espelhar, embora fique muito distante porque ela é uma pessoa, assim, uma sumidade, vamos dizer, né. E como pessoa, é também uma pessoa assim, aparentemente, você não conhecendo a Professora Glorinha, parece que é uma pessoa autoritária, uma pessoa, assim, meio brava, sabe!?, no começo eu achava que ela era assim, mas quando você passa a conviver com ela... ela é uma pessoa assim, é meiga, serena, sabe!?, doce assim pra gente conviver com ela, sabe!?. É muito, muito legal a convivência.

Gláucia e Rosana: Essa é muito fácil da senhora responder, Professora: a Professora Glorinha influenciou a senhora de alguma maneira na sua carreira?

Profa. Albana Xavier: (risos) Ah, eu vou falar não (risos)...

Gláucia e Rosana: Se contradizem... (risos)

Profa. Albana Xavier: Todo o tempo eu só estive dizendo isso, né?!?, Ela foi uma das grandes influências na minha vida. Ela sempre me deu apoio, ela percebeu que eu tinha vontade, então ela procurou me incentivar, né, me levar pra frente, né, e aí então foi sempre um apoio assim muito grande que eu tive e isso que eu disse, um modelo, no qual eu me espelhei, né, se bem que eu fico longe do original... (risos), mas eu estou sempre admirando e vendo que é importante a gente perceber que as pessoas que têm alguma coisa a dar e que são pessoas que se doam para essas coisas que beneficiam os outros, né, é bom a gente está vendo, estar seguindo, estar compartilhando, né, porque é difícil, às vezes, né, há pessoas que não compartilham com os outros, ficam... fechadas...

Gláucia e Rosana: Ficam fechadinhas...

Gláucia e Rosana: Comente como era a relação da Professora Glorinha com seus colegas de trabalho e com seus alunos?

Profa. Albana Xavier: Era uma relação assim sempre... às vezes, ela era incompreendida assim porque ela sempre foi muita amiga dos alunos, de todos, mas ela nunca confundiu amizade com a professora, aquilo que a professora deveria exigir. Então não é porque você era amiga, porque ela gostava de você, que ela iria deixar que você, que ela iria perdoar que você deixasse de fazer alguma coisa e ela encobrir aquilo. Ela sempre foi uma pessoa assim, que ela cobrou, então, assim...

Gláucia e Rosana: Justa, né?!?

Profa. Albana Xavier: Justa, fez, não fez, você vai ser cobrado da mesma forma que qualquer outra pessoa, sabe?!? E eu sempre achei uma coisa muito positiva da parte dela, não é?!?, porque realmente essa é a atitude que tem que ter o professor: você pode ser super amigo de um aluno, mas se ele não corresponder, você não pode falar “tá bom, ah, você é meu amigo, eu vou fazer, né?!?” Não fez, não fez! .

Gláucia e Rosana: Mesmo porque o aluno é um professor em formação...

Profa. Albana Xavier: Lógico! Se você faz isso... e ele também, se você fizer isso, ele não vai mais confiar em você, ele não vai mais admirar você porque “Oh, puxa vida, faz-de-conta que é, né?!?” Mas na verdade não é, né?!?, então...

Gláucia e Rosana: Perfeito!

Gláucia e Rosana: O que a senhora acha que permanecerá da Professora Glorinha nas pesquisas acadêmicas, para os alunos e os colegas de trabalho? O que é que fica dela?

Profa. Albana Xavier: Nossa! Vai... um patrimônio todo de conhecimento, de cultura, de tudo, né?!?, porque o que ela faz, o que ela fez, eu acho que poucas em termos de cultura, acho difícil falar, poucas (?), acho que quase ninguém fez o que ela fez em termos de cultura, né?!?, de abrangência, assim... Ela tem um fã-clube (risos) de séculos, de pessoas que seguem, que admiram, sempre assim alguém que ela fez alguma coisa, trabalhou com ela, e essas coisas assim, sempre ela teve aquele grupo de pessoas que estão sempre junto dela.

Gláucia e Rosana: E, dos trabalhos da Professora Glorinha, que a gente sabe que são muitos, quais a senhora classifica como mais significativos?

Profa. Albana Xavier: Você fala publicação ou fala...

Gláucia e Rosana: De qualquer área: tanto acadêmico, ou então alguma atividade paralela publicada ou não publicada, qualquer coisa que a senhora considere “Ah! Desses todos que eu conheço...”

Profa. Albana Xavier: Se for, por exemplo, se você pensar assim, em trabalhos, em atividades, assim, em prol do desenvolvimento da cultura, tudo, são assim N trabalhos, né?!?, ela sempre foi uma pessoa que esteve à frente de tudo, ela sempre iniciou

movimentos, iniciou atividades de teatro, iniciou concursos, sempre ela estava tentando inovar, colocar..., fazer com que as coisas andassem, né?!?...

Agora, em termos de obras, assim, ela tem umas obras... eu acho tudo muito bom o que ela faz. Ela tem uma obra muito boa sobre as artes plásticas, né?!?, ela tem... que ela fez com a Idara e com a... aquela lá da faculdade... a...

Gláucia e Rosana: Ela comentou o nome... Menegazzo?

Profa. Albana Xavier: É, a Menegazzo... a Maria Adélia! Então... tem o trabalho de música também que ela fez com a Idara, com... não sei... acho que foi só com a Ideia, não me lembro, que também é um trabalho muito bom. E ela tem um livro de conto que é muito bom também, que é pouco conhecido mas que... eu sempre falo pra ela: “Professora, a senhora tem que escrever um romance. A senhora está devendo um romance pra gente!” (risos) E ela, “ai, eu não estou com vontade de escrever não...”, e eu, “mas, não, escreva um romance, a senhora tem”, assim, é... pelo que ela tem de lastro cultural, tudo, eu falo “a senhora faria um romance igual Cortázar, igual a esses grandes autores... e ela fala “ah, não estou mais com paciência...” (risos)

Gláucia e Rosana: Depois a gente lê aquele trabalho... é o Todorov que fala “Literatura *em perigo*”? Que romance, muitas páginas... ela está cansada? Não, vamos empurrar, vamos estimular pra ela fazer mesmo... (risos)

E aqui acabamos, Professora, sobre a Professora Glorinha, era isso que a gente queria perguntar. Muito obrigada!

Gláucia e Rosana: E se tiver uma mensagem que você queira deixar pra ela, que queira deixar pra Professora Glorinha...

Profa. Albana Xavier: Assim de repente... (risos)... pra falar você sabe...

É, mensagem que eu deixaria é de que ela, eu a considero uma das pessoas mais completas, assim, em termos de ser humano, em termo de profissional e que serviu sempre

assim de modelo para os seus alunos, para as demais pessoas que têm conhecimento de tudo o que ela já fez, por Campo Grande, por Mato Grosso do Sul, pela educação, cultura...

Gláucia e Rosana: Vamos reiterar, então, o pedido do romance, pra ela escrever o romance?

Profa. Albana Xavier: Vamos... (risos)... então...

Gláucia e Rosana: Só falta isso pra completar o quadro...

(risos)

Profa. Albana Xavier: Então, a gente reitera em conjunto, né... (risos)... o pedido de que ela escreva o romance que está faltando!

Gláucia e Rosana: Ótimo! Obrigada, Professora.

Profa. Albana Xavier: Nada.

Homenageada à Profa. Maria da Glória Sá Rosa

Gláucia, Rosa, Rosana: Pronto. Boa tarde, Professora Glorinha.

Profa. Maria da Glória: Boa tarde.

Gláucia, Rosa, Rosana: Vamos entrevistá-la. Estamos Rosana, Rosa e Gláucia, em sua casa. Muito obrigada por nos receber.

Profa. Maria da Glória: É um prazer. Com muito prazer.

Gláucia, Rosa, Rosana: Hoje é sexta-feira, dia 11... quinta!... quinta-feira! (risos), desculpa, já estou adiantando...

Profa. Maria da Glória: Quinta-feira! Já está empurrando o tempo.

Gláucia, Rosa, Rosana: dia 11 de agosto, são...

Profa. Maria da Glória: de 2011.

Gláucia, Rosa, Rosana: Isso mesmo. São 14h30min.

Gláucia, Rosa, Rosana: Por que escolheu o curso de Letras para sua graduação, Professora?

Profa. Maria da Glória: Por que escolhi? Porque eu sempre tive tendência para Literatura, para escrever.

Eu sou cearense, né, e os nordestinos, não sei, trazem isso no DNA, esse gosto pela escrita. Minha mãe me ensinava as composições e desde menina eu gostava de escrever. Me lembro no meu curso primário, em Fortaleza, tinha uma professora que organiza aulas de composições, naquele tempo se chamava de composição e eu até arranjava cromo para ilustrar minhas composições. Uma vez eu fiz uma sobre o mar. Eu nunca tinha visto o mar, então, mas pelo cromo eu já fui imaginando como era o mar: profundo etc e tal.

Eu acho também que uma tendência natural que foi incentivada por outros professores também. Era Irmã Alzira de Castro, lá em Fortaleza. Depois quando eu fiz o curso de ginásial aqui no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, tinha a Irmã Bartira Galdez, Irmã Josefina de Castro, muito me incentivaram nesse meu gosto pela escrita. E quando eu fiz o Curso Clássico no Colégio Santa Inês, eu tive uma professora, Irmã Maria José que também foi uma animadora, uma grande amiga também, como eu hoje sou amiga dos meus ex-alunos, ela foi muito amiga minha: éramos eu e Irmã Olga de Sá, que é hoje freira, chamava-se Olga de Sá. E nós duas fundamos um jornalzinho chamado Tic-Tac. Até quando eu me casei a Olga de Sá me deu-o todo encadernado. E a gente escrevia, fazia o jornal, quer dizer, essa tendência para escrita já foi acalentada durante muito tempo, né. E aí eu resolvi fazer, como eu tenho tendência pra isso, gostava, eu fiz o curso de Línguas

Neolatinas, chamava naquele tempo, era Português, Francês, Espanhol, Latim e Italiano. Era muito gostoso.

Gláucia, Rosa, Rosana: Só para constar, quando a senhora fala cromo, são selos? Figurinhas?

Profa. Maria da Glória: Não. Eram figuras assim de, algumas figuras de...

Gláucia, Rosa, Rosana: De álbuns?

Profa. Maria da Glória: De álbum, de álbum. Isso mesmo.

Gláucia, Rosa, Rosana: Pra senhora, o que é ser ou o que foi ser professor de Língua Portuguesa na sua época?

Profa. Maria da Glória: Olha, foi uma aventura muito interessante porque eu logo tentei mudar o rumo das aulas como eram dadas.

As aulas eram dadas de uma maneira objetiva, o professor ia no quadro escrevendo regras e mais regras de análise sintática e eu comecei a introduzir desde o ginásio, introduzindo a cultura e a arte nas minhas aulas. Então fazia os alunos dramatizarem textos, me preocupava sempre que as aulas tinham que ser muito dinâmicas, por isso até hoje os alunos se lembram disso.

Quando eu viajava, viajei muito pela Europa, em 1972 eu fiz uma excursão pela Europa. Quando eu cheguei, eu filmava todas as minhas viagens, eu passava os slides pros alunos explicava, mostrava... quando eu dava o Modernismo, por exemplo, projetava slides, mostrava, levava os alunos para visitar os museus... era uma, foi como eu disse pra vocês, foi uma aventura, uma coisa que eu tenho lembrança e muita saudade.

Gláucia, Rosa, Rosana: Quais professores mais influenciaram a senhora pela escolha do Magistério e curso de Letras?

Profa. Maria da Glória: É, foram as professoras que me influenciaram, principalmente no Curso Clássico, essa, a Irmã Maria José Duarte, que era uma pessoa que também escrevia muito bem, muito inteligente e que, uma vez nas redações da gente, a gente fazia... ela mandava fazer muita redação, na minha ela sempre escrevia: “Você tem muita tendência pra escrever. Você poderia escrever livros infantis.”

Eu nunca fiz livros infantis, mas foi uma proposta que ela me fez, que achava que eu deveria escrever livros para crianças.

Talvez naquela época...

E: Ainda...

Profa. Maria da Glória: Achasse que livros para crianças, que eram infantis, na realidade não são infantis, eles são bem profundos.

Gláucia, Rosa, Rosana: Sim. Qual professor da faculdade serviu de inspiração ou modelo na sua formação acadêmica?

Profa. Maria da Glória: Olha, muitos professores eu tive. Eu tive um professor que foi um grande escritor chamado Alceu de Amoroso Lima, que tinha o pseudônimo, ele usava o nome de Tristão de Ataíde. Foi o professor que mais me encantou com suas aulas porque ele dava, alunos de outras classes vinham assistir. Porque ele tinha conhecido Machado de Assis. Ele contava coisas quando ele passava pela rua onde Machado de Assis morava, via Machado de Assis na janela. Tinha coisas, na hora em que Graça Aranha rompeu com a Academia Brasileira de Letras. Ele estava na... vejam como me lembro dessas coisas porque foram coisas que muito vivas, muito vitais... e ele conta que ele estava lá, acompanhou aquele momento em que Graça Aranha rompeu com a academia, fez o discurso, enfim, era uma pessoa que, sempre vestida de branco, gravata preta e um guarda-chuva na mão, não sei, porque no Rio de Janeiro, naquele tempo, não chovia tanto...

E ele foi durante um ano meu professor e eu uma pessoa que o adorava, adorei literatura mais do que eu gostava.

Outro professor que muito, eu sou Presidente da Aliança Francesa, né, até se vocês quiserem hoje, no Correio do Estado de hoje, comprem o jornal de hoje, tem uma reportagem: “50 anos de Aliança Francesa” que eu conto lá como é que ela foi fundada. E esse professor ele contava muito, ele dava as aulas inteiramente em francês, e quando eu cheguei no primeiro ano, eu não... eu tinha estudado aquele francês acadêmico, né, aquele que a gente decorava verbos, decorava os textos, a gente sabia, eu sabia de cor muitas poesias em francês. Mas ouvir, eu não era capaz: eu ouvia e não entendia nada. Aí eu cheguei, nas primeiras aulas ele dava aula o tempo inteiro em francês, falando, falando e eu tentando copiar uma frase, uma palavra, mas ele era uma pessoa muito interessante, tinha morado na França, tinha sido editor, e esse gosto da língua francesa ele criou na gente.

Outro foi o professor que se chamava, o nome dele era, esse professor foi... não me lembro, esqueci agora o nome, depois eu me lembro...

Outro foi o Professor Barreto Filho, que era Professor de Psicologia, e dava aulas contando filmes. E pra falar de Proust, ele passou horas falando de um filme chamado *O Boulevard do Crime* (...) ah! Tinha a professora de Francês também, chamada Blanche Lacombe Jacobina, que me ensinou a maneira ativa de dar aula, quer dizer, ela sempre dizia: “Nunca se sentem pra dar aula”. Eu nunca dei aula sentada, uma das aulas, uma vez, ela deu aula de Francês em que ela tinha escondido o giz e perguntava: “Onde está o giz?”, e aí todo mundo dizia “está em tal lugar... está na gaveta, está em cima da mesa”, e nisso as expressões iam nascendo. Foi assim que eu me inspirei muito nela pra dar aulas dinâmicas, porque os alunos, né, a minha preocupação era que os alunos falassem, dialogassem, discutem as ideias e não eu ficar falando, eu queria sempre que os alunos fossem o sujeito na sala de aula, e não objeto.

Gláucia, Rosa, Rosana: Cite um fato relevante positivo de seu período de graduação.

Profa. Maria da Glória: Período de graduação? Um fato... deixe-me ver... deixe-me pensar... eu acho que uma coisa positiva foi todo esse meu contato com os, por exemplo, o fato positivo foi a minha amizade com Maria Julieta Drummond de Andrade, que era filha do poeta Carlos Drummond de Andrade.

Nós convivemos durante três anos, inclusive eu ia tomar chá na casa dela, ia estudar com ela – era um negócio muito interessante. Maria Julieta era uma pessoa muito fechada. Ela loira, de olhos azuis, não era bonita não... mas quantas vezes eu vi o poeta chegando e subindo uma escada, mas eu nunca tive coragem de falar com ele, era tímida... até hoje eu não sou capaz de me oferecer pras coisas não.

Eu acho que uma das coisas muito importantes foi essa amizade com ela. Ela era uma pessoa... uma vez, ela só tirava... uma vez o Alceu Amoroso Lima, ela fez uma prova e eu me lembro que ele escreveu embaixo da prova: “É 10 por não poder dar 12!”

Gláucia, Rosa, Rosana: (assombro geral!): Ai, gente!

Profa. Maria da Glória: É porque ela... ela foi autora...

Gláucia, Rosa, Rosana: Sim!

Profa. Maria da Glória: Ele fez um livro, *A Busca*, escreveu um diário, mas ela depois casou-se com um poeta argentino e se mudou para a Argentina. Já sabe o que aconteceu.

Gláucia, Rosa, Rosana: Lembram disso? A gente fez um trabalho do Drummond e comentamos essas coisas...

Profa. Maria da Glória: Pois é... mas, eu conheci, eu vi Drummond muitas vezes, mas uma vez, quando foi inaugurado o Ateneu García Lorca, no Rio, isso em 1900... parece-me... 44, 48, isso há muitos anos e era Drummond, a Cecília Meireles, Manuel Bandeira, todos eles falaram lá, né, Manuel Bandeira já estava tuberculoso, fraquinho, veio com uma acompanhante assim segurando no braço dele e levou-o. E Drummond declamou um poema sobre García Lorca, que está no livro dele.

Eu tive esse contato com esses poetas quando estudei no Rio de Janeiro, na PUC, no Rio de Janeiro.

Gláucia, Rosa, Rosana: Então, um aparte: a senhora saiu direto da sua cidade para... pro Rio de Janeiro?

Profa. Maria da Glória: Não, não, eu estudava aqui em Campo Grande, quando eu terminei o ginásio não havia, naquele tempo, nos anos 40, não havia Clássico, nem Científico. Havia de segundo grau só o Curso de Contador. Como eu não sou aficionada por números, eu até disse a meu pai: “Eu não quero, não estou querendo esse ano... eu vou ficar esse ano aqui e o ano que vem eu vou, que vai abrir aqui...” As irmãs falaram: “Não vai ter.” Meu pai falou: “De jeito nenhum. Você não vai parar seus estudos. Você vai interna em São Paulo.” E eu falei, “Que pena!”, já tinha quinze anos... ficar trancada lá... e falou: “Vamos falar com a Irmã Diretora, aí ela vai passar um telegrama pedindo para reservar seu lugar”. E eu rezando pra não acharem vaga, dali alguns dias veio: Matriculada – número 245. Aí foi lá que eu conheci a Irmã Januária e o José Duarte, eram do Curso Clássico e eu fui estudar no Rio porque eu tinha vontade de ter outro ambiente, não queria mais ficar em São Paulo e lá eu... qual foi a pergunta mesmo?

Gláucia, Rosa, Rosana: É... fui eu que cortei...

Profa. Maria da Glória: Foi... isso mesmo... certo.

Gláucia, Rosa, Rosana: E pedi pra senhora fazer como a senhora chegou no Rio...

Profa. Maria da Glória: Aí eu cheguei no Rio por isso: eu fui fazer a universidade no Rio. Terminei em São Paulo, fiquei três anos em São Paulo. No primeiro ano, eu entrei em março, não sai pra lugar nenhum, fiquei no colégio até, naquele tempo as viagens demoravam muito pra chegar: trem era três dias pra ir, três dias pra voltar, era uma semana de férias – aí passei as férias no colégio. Depois, aí depois, já saía mais.

Gláucia, Rosa, Rosana: A gente pediu um fator positivo e agora a gente pede um negativo.

Profa. Maria da Glória: Sei.

Gláucia, Rosa, Rosana: Algum aspecto negativo que tenha marcado a senhora durante a sua graduação.

Profa. Maria da Glória: A graduação? Olha, na minha graduação, havia um aspecto que eu achava meio negativo, era que as meninas lá na PUC, era uma faculdade paga, né, havia meninas muito esnobes, que tinha, havia umas que em dia de frio, e o frio do Rio é de 30°, elas iam de casaco de pele, eu achava aquilo esquisito... uma das coisas que eu me lembro, né...

(risos)

Mas, eu acho que também ainda se exigia muita coisa... disciplina – eu achava tudo muito estranho... as meninas fumam muito. Eu nunca fumei e achava aquilo estranho, mas nunca influenciaram a minha maneira de ser.

Gláucia, Rosa, Rosana: Quais disciplinas mais influenciaram a senhora?

Profa. Maria da Glória: Olha, foram as de Literatura Brasileira e mesmo Literatura Portuguesa, como o poeta Tássio da Silveira, que hoje dá nome àquela escola em que houve todo aquele... aquele rapaz que...

Gláucia, Rosa, Rosana: Sim!?!

Profa. Maria da Glória: É Tássio da Silveira. Um poeta simbolista. Ele é, era, contava muita história, ele sentava à mesa e contava fatos da Literatura Portuguesa, vê, e... os aspectos positivos?

Gláucia, Rosa, Rosana: Não... eu só perguntei sobre as disciplinas que a senhora falou...

Profa. Maria da Glória: Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa... Italiano, nós tínhamos, eu tinha uma Professora de Italiano e ela não levava a sério as coisas, inclusive no modo de vestir. Naquele tempo, eu me lembro que ela chegava com a combinação despencando, ela era uma pessoa...

(risos) Ela gostava de almoços na casa dela, uma vez eu fui lá...

Gláucia, Rosa, Rosana: Pois é... aspectos negativos...

Profa. Maria da Glória: Era. Como é engraçado! Mas a gente, me dei muito com as professoras, nunca saí. Tinha uma professora de Espanhol chamada Emília Navarro. Ela passou, ela fugiu, parece que ela veio embora da Espanha por causa da Revolução Espanhola. E ela era uma pessoa muito, me ensinou, só que o método dela ainda era muito antiquado: ela falava, falava, sabia aquelas coisas todas de cor, mas foi nossa amiga. E eu aprendi espanhol com ela. Eu lecionei espanhol durante muitos anos aqui. E um dia, muitos anos depois, eu fui ao Rio, buscar um papel lá na PUC, e estava andando lá pelos corredores, escutei uma voz, já fazia isso muitos anos, né, e vi uma velhinha assim, bem diferente, porque ela era arrogante, pisava duro, aí eu perguntei: “?Tú no eres Emilia?” Aí ela olhou e falou: “Tú no eres Glória?”

(risos)

“- ¿Cuántos años tienes?” “- Ochenta y dos!”

Gláucia, Rosa, Rosana: “Qué rico!”

Profa. Maria da Glória: É... “- Com essa idade você ainda está dando aula?” “- Sim.” Aí lembrou de todas nós, tudo... e ainda estava dando aula.

Gláucia, Rosa, Rosana: !Que lindo!

Profa. Maria da Glória: Agora já não sei... decerto já morreu. Já faz tantos anos...

Gláucia, Rosa, Rosana: Há muita diferença entre os cursos de Letras de hoje e de sua época?

Profa. Maria da Glória: Eu acho que somados e divididos, você tem que tomar as diferenças, não é?!?, eu acho que existem umas pra melhor porque o meu curso de Letras ainda era muito antiquado. Não, as professoras ainda deram muita aula expositiva. E hoje em dia, as professoras já estão bem mais abertas já, os alunos dão aula, intervêm mais, eu acho essa a diferença: os de hoje são bem mais dinâmicos.

Gláucia, Rosa, Rosana: Você acha mais positivo os alunos participarem mais?

Profa. Maria da Glória: Eu acho, claro. Quanto mais os alunos participarem da minha aula, a gente quando ia dar aula, por exemplo, eu fui dar uma aula de espanhol, num outro colégio, parecia que era o fim do mundo, mortos de medo, medo de enfrentar aqueles alunos. A Emília contava muitos fatos dos alunos que não respeitavam, e eu já achava engraçado... diz que uma vez, ela estava dando aula: “Número veinticuatro?”, “Professora, aqui não tem nenhum *viado!*” Aí eu achei aquilo horrível, se o aluno me falasse isso eu ia cair de costas, e ela... desde aquele tempo: era assim, professor muito, muito austero, hoje não há mais, nenhum professor se impõe pela austeridade, né.

Gláucia, Rosa, Rosana: Com certeza. Como foi seu ingresso no Curso Superior enquanto Professora?

Profa. Maria da Glória: No Curso Superior como Professora foi ótimo porque eu fui, eu comecei dando aula na FUCMAT, dando aula de Literatura Portuguesa. Eu dei aula de todos os tipos..foi em... nos anos de 1960, tomei parte no Vestibular e ali que eu fui professora dos que são hoje professores, da Arlete Sabino, professora da Eli Macedo, é, enfim, eu comecei dando aula de Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa, depois dei de Língua Portuguesa, mais tarde de Práticas de Ensino de Português... o problema era, a grande dificuldade é que nós não tínhamos livraria aqui e os alunos... você pode procurar a Maria Elisa Hindo, a Marisa Serrano, todos eles fizeram o curso com meus livros. Eu que

trazia livros, que ia pra São Paulo e emprestava a eles porque não havia livros. Os alunos também não tinham dinheiro pra comprar, livros muito caros, né, mas foi muito proveitoso, né, por exemplo, eu tinha consciência que eu precisava estudar muito, me preparava muito para as aulas. Todas as férias eu ia fazer cursos na Universidade Católica de São Paulo, fiz Curso de Audiovisual – como utilizar o audiovisual em sala de aula, e fiz curso com Antônio Candido sobre como analisar poesia, então a gente precisa ampliar os conhecimentos.

Gláucia, Rosa, Rosana: E desde a faculdade, a senhora já se via, já se imaginava como professora universitária?

Profa. Maria da Glória: Sempre, sempre pretendi. E porque eu me esforcei muito pra criação, sou fundadora da FUCMAT, né, então fiz muita campanha para abrir essa faculdade e, naturalmente, me convidaram pra lecionar. E depois nos anos de 1970, acho que foi 76 até que fui convidada pra dar aula, pra trabalhar na Federal, como Coordenadora de um curso: era o Curso Pré-Biológico, uma preparação, um cursinho dentro da universidade. O Dr. João Pereira da Rosa me convidou pra coordenar esse curso.

Gláucia, Rosa, Rosana: Em relação à pesquisa, foi uma descoberta gradativa? Ou já tinha na senhora esse desejo?

Profa. Maria da Glória: Sempre tive esse desejo. Agora, a primeira que eu publiquei mesmo foi Cultura e... não, primeiro foi esse *Cultura e Literatura Nacional* de certo modo, é uma pesquisa que eu fiz com a Albana. Foi a *Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul*, foi uma amiga minha que estava fazendo pós-graduação em Santa Catarina, aí ela chegou e falou: “Por que você não faz um livro sobre histórias de vida?” E aí me deu uma série de livros, que tenho até hoje, para estudar o que eram as histórias de vida. E aí a gente tem que fazer... de certa forma é o que vocês estão fazendo agora, né, e aí ela... eu resolvi fazer um sobre... ela me deu a ideia: “Vamos fazer sobre os professores – a história dos professores aposentados.” Aí eu fui, viajei por todo o estado, fazendo um levantamento, quem eram os professores em determinados municípios que tinham

condições, tinham matéria, tinha suporte pra gente, pra eles contarem a história deles como aposentados, como eles estavam vivendo agora, eles que estavam tão dinâmicos e que agora estavam no ostracismo, né... Nesse tempo a gente encontrou, fui visitar duas professoras que eram irmãs, pareciam gêmeas, e elas sentadas, aquelas professoras que tinham tanto participado, sentadas, vendo televisão, fazendo palavras-cruzadas... e assim os professores nessa... mas quando eles começaram a falar do tempo de escola, ganharam uma nova vida. Parece que eles estavam regressando a um país dos sonhos...

Gláucia, Rosa, Rosana: Como foi ou como é sua relação com alunos de Letras ao longo desses anos?

Profa. Maria da Glória: Olha, os maiores amigos que eu tenho são, foram alunos de Letras. Vou citar Marisa Serrano, Maria Elisa Hindo, a Sílvia (...) Cesco – conhecem? Ela está lançando um livro de poesia que estou prefaciando, que ela dedicou a mim. E Elisa Cesco...

Gláucia, Rosana, Rosa: Elisa Cesco, sim, que é nossa...

Profa. Maria da Glória: Conhecem, né, que ela lá dá ..., pois é, Elisa não foi aluna, foi de Pedagogia, mas foi, somos muito amigas, sabe. Então até hoje esses são numa relação de muita amizade. Albana, Idara Duncan, Américo Calheiros, Neusa Arashiro, a... não sei se vocês conhecem, a Lenilde Ramos, ela acabou de..

Gláucia, Rosa, Rosana: Sim!

Profa. Maria da Glória: fez, publicou um livro sobre a vida dela.

Gláucia, Rosa, Rosana: Uma que toca...

Profa. Maria da Glória: Isso, a sanfoneira!

Gláucia, Rosa, Rosana: Eu assisti na Noite da Poesia, no mês passado.

Profa. Maria da Glória: Comprem o livro dela que está muito interessante. Ela conta a história dela.

Então, meninas, é de muita cordialidade, amizade. Até hoje eles me procuram pra ajudar em qualquer coisa que precisarem e estou sempre às ordens.

Gláucia, Rosa, Rosana: Como foi ou é sua relação com os colegas de trabalho ao longo desses anos?

Profa. Maria da Glória: Sempre foi uma relação muito boa. Trabalhei com vários deles.

Por exemplo, eu fui chefe de Américo, Albana, é Neusa Arashiro, foram meus, a Lenilde Ramos, foram todos meus alunos e eu passei a ser chefe deles. E também a Ceila Cunha Ferreira, também, que foi minha aluna e depois fui chefe dela. A Vanda Cravieri também, a Vanda foi da minha primeira turma de Letras.

Gláucia, Rosa, Rosana: Como é a universidade pra senhora, atualmente?

Profa. Maria da Glória: Eu acho que a universidade é, foi, é e sempre será uma abertura de caminhos, não é!?, uma estimuladora de ideias, ideias e sonhos e pensamentos e crescimento interior e tem que ser isso, quer dizer, senão é estagnação.

Gláucia, Rosa, Rosana: Bom, eu acho que isso também responde a seguinte: o que era a universidade na sua época de aluno ou ao início da carreira?

Profa. Maria da Glória: A minha universidade quando eu fui, era um espaço em que dominava o professor, o professor era, e hoje não, o professor tem que ceder o espaço ao aluno, tem que trabalhar com o aluno para o aluno se sentir estimulado.

Gláucia, Rosa, Rosana: Comente sobre sua produção científica desde sua opção teórica e professores ou colegas que influenciaram.

Profa. Maria da Glória: Olha, primeiro foi esse livro *Memória da Cultura e da Educação* que eu escrevi sobre os professores. Depois eu fiz um, quem me influenciou para fazer este trabalho foi a Professora Raquel Seiferd, que ela estava fazendo pós-graduação em Santa Catarina, e ela então me, como eu contei pra vocês, ela estava fazendo lá e ela me trouxe essa ideia, né?!? Bem, depois eu fiz *Memória da Arte em Mato Grosso do Sul*, e foi sobre diversos aspectos da arte, eu fiz Maria Adélia Menegazo e a Idara Duncan. A Maria Adélia fez a parte das Artes Plásticas e a Idara fez a parte da Dança e do Cinema, eu fiz Literatura, Música e Teatro. Depois eu fiz, quando Campo Grande fez cem anos, *Deus quer; o homem sonha e a cidade nasce*, fui entrevistando personalidades básicas da criação da cidade. E escrevi um livro de contos, depois eu vou dar um exemplar pra vocês. E vários, vários outros trabalhos, né?!?.

Gláucia, Rosa, Rosana: Se a senhora fosse homenagear um ex-professor, quem seria e por quê?

Profa. Maria da Glória: Um ex-professor? Olha, um que eu homenagearia seria a Irmã Maria José Duarte, né?!?

Gláucia, Rosa, Rosana: É, a senhora já falou com tanto carinho dela...

Profa. Maria da Glória: Eu falei...
(risos)

Profa. Maria da Glória: Porque a Irmã Maria José Duarte era uma pessoa muito competente e era, era uma estimuladora.

Eu poderia homenagear também a minha assistente que se chama Irmã Nilde de Souza, hoje ela está com 96 anos, é muito amiga minha e me escreve constantemente. Até hoje, ela foi uma grande estimuladora, quando eu fui assistente dela: ela tinha 25 anos e eu 15 anos. Hoje, ela está com 96 e eu com 83, né?!? Mas, ela ainda está firme lá, trabalhando, ajudando, fazendo... trabalhando com drogados: uma pessoa extraordinária! Ela merecia.

Eu sempre escrevo pra ela: “Por que você não escreve as suas memórias?” Mas ela é muito modesta, acha que não tem valor, né?!?

Gláucia, Rosa, Rosana: Ela não sabe que está deixando de deixar muita coisa, né?!?

Profa. Maria da Glória: Pois é, verdade...(risos)

Gláucia, Rosa, Rosana: Se fosse homenagear um colega ou um amigo de trabalho, quem seria e por quê?

Profa. Maria da Glória: Homenagearia a Albana, né?!?
(risos)

Profa. Maria da Glória: Só uma, né?!?

Gláucia, Rosa, Rosana: Pode ser... como a senhora quiser.

Profa. Maria da Glória: Albana, Idara, Américo...

Gláucia, Rosa, Rosana: É só fazer uma lista e a gente colocar...

Profa. Maria da Glória: Esses mesmo... pois é...

Gláucia, Rosa, Rosana: Que mensagem deixaria para os atuais acadêmicos de Letras?

Profa. Maria da Glória: Que continuem nesse gosto, nesse fogo interior, porque isso é que dá sentido à vida. A vida sem esse, a vida só tem sentido quando ela, quando a gente está criando alguma coisa, quando está realizando, quando está sentindo que está, que é importante, ..., fazendo alguma coisa que torna a gente melhor, mais digna, que ajude os outros e ajude a si mesma, né?!?

Gláucia, Rosa, Rosana: Que mensagem deixaria para o colega de trabalho nessa longa caminhada?

Profa. Maria da Glória: É que continuem trabalhando, não percam a esperança, olhos no futuro e coragem! Que a vida não é fácil.

Gláucia, Rosa, Rosana: Se a senhora fosse recomeçar sua atividade profissional, o que faria de diferente?

Profa. Maria da Glória: Nada. Faria tudo igual.

Gláucia, Rosa, Rosana: Que lindo!

Gláucia, Rosa, Rosana: Muito bom!

Profa. Maria da Glória: Tudo igual! Nada!

Gláucia, Rosa, Rosana: Qual é a maior dificuldade de sua época como graduanda?

Profa. Maria da Glória: Olha, era isso: falta de material, falta didático. Por exemplo, a gente estudava em apostila, eu acho isso horrível, não é?!? Aliás, no tempo da PUC, nem apostila não tinha: era a gente escrevendo..., era a gente que fazia as coisas. O professor falando e a gente tomando nota, desesperadas.

Gláucia, Rosa, Rosana: Qual é a maior dificuldade do graduando de hoje?

Profa. Maria da Glória: Eu acho que a maior dificuldade é eles, falta de, dispersão por excesso de produtos, é vídeo... computador, videoteipe, televisão, Playstation 3, sei lá...

Gláucia, Rosa, Rosana: O excesso de atividade extracurricular...

Gláucia, Rosa, Rosana: São os extremos, né, primeiro não tinha nada e agora tem demais.

Profa. Maria da Glória: É. Verdade. Você não sabe nem por onde começar.
(risos)

Gláucia, Rosa, Rosana: Quais os dissabores evidenciados na academia? A senhora teve dissabores?

Profa. Maria da Glória: Na Academia? Não, na Academia não tive dissabores não. Eu lá sou muito bem tratada. Nos primeiros tempos, os acadêmicos eram muito antigos ...não! repenso, não tenho dissabores não.

Gláucia, Rosa, Rosana: Nessa época não tinha bullying.

Profa. Maria da Glória: Não, não.
(risos)

Gláucia, Rosa, Rosana: Lembra de algum aluno que tenha recebido influência sua para seguir carreira acadêmica?

Profa. Maria da Glória: Olha, outro dia, eu lá em Corumbá, encontrei minha... hoje ela é doutora, Dra. Elisabete, me esqueci o sobrenome dela... E ela falou: “Professora, tudo o que eu sei, tudo o que eu sou, eu devo à senhora. E se eu estou aqui é porque a senhora me estimulou.” É porque eu estimei, eu falei: “Vá!”. Ela era muito inteligente! “Vou fazer pós-graduação. Vá estudar, vá escrever.” E ela hoje é professora da universidade, de Corumbá, agora eu me esqueci do nome dela: Elisabete... me esqueci...

Gláucia, Rosa, Rosana: Comente o que é ser professor e pesquisador nos dias de hoje.

Profa. Maria da Glória: Olha, é uma das coisas mais estimulantes da vida porque você sente que está trazendo novas perspectivas de vida pros outros e pra você mesma. É uma coisa muito importante você se sentir, sentir que está criando alguma coisa, que está contribuindo para melhoria do ensino, né!?!?

Gláucia, Rosa, Rosana: O que lhe proporcionou à senhora maior alegria na carreira acadêmica?

Profa. Maria da Glória: Foi, foi ver meus alunos hoje na situação em que eles se encontram, né?!?

- Vocês querem tomar um café, um cafezinho, alguma coisa? Querem?

Gláucia, Rosa, Rosana: Não, obrigada.

Profa. Maria da Glória: Querem não? Que a empregada faz.

Gláucia, Rosa, Rosana: A senhora está cansada? Quer fazer uma parada?

H: Não, de jeito nenhum. É que ela apareceu aí.

(risos)

Olha, quando, uma vez eu li, eu vi uma entrevista. O entrevistador dizia que o Stanislavski, que foi um teórico-didático, dizia que o professor que não forma alunos melhores que ele, ele não foi um bom professor. Então, pois é, eu acho que, eu acho que formei alunos melhores que eu.

Gláucia, Rosa, Rosana: Ai, que maravilha ouvir isso!

Profa. Maria da Glória: É, pois é, então por isso eu me sinto satisfeita, feliz.

Gláucia, Rosa, Rosana: Comente um pouco sobre sua pesquisa ao longo de sua carreira acadêmica. Um pouco? Deve ter tanta coisa, professora...

Profa. Maria da Glória: Olha, você já falou... eu já falei quase tudo...

Gláucia, Rosa, Rosana: É, vamos deixar então...

Gláucia, Rosa, Rosana: Algum comentário? Alguém quer fazer mais alguma pergunta?

Gláucia, Rosa, Rosana: Sim. Como ela fala que adora... agora é minha vez: que os alunos participem, que deem aula, né, que leiam e exponham, o que a senhora acha se ouvisse de um professor falar que “Não vou dar seminário porque eu não consigo ouvir...”

Gláucia, Rosa, Rosana: Acadêmico?

Profa. Maria da Glória: Bobagens?

Gláucia, Rosa, Rosana: É. Bobagens! Vamos por essa palavra que eu não lembro qual foi a palavra..

Profa. Maria da Glória: Claro, isso, lógico. Deve dizer a ele que procure outra carreira, né?!?

(risos)

Gláucia, Rosa, Rosana: Porque eu ouvi isso e fiquei muito triste e eu falei vou perguntar pra uma pessoa...

Profa. Maria da Glória: Ah, não, é que o problema é o seguinte: Você como professor, acima de tudo, tem que saber ouvir.

Gláucia, Rosa, Rosana: Porque a gente não sabe tudo mesmo... e a gente vai lá, realmente, falar uma bobagem, mas aí entra o professor e corrige as bobagens...

H: E aceitar o que eles falam. Eu lembro quando eu dei Prática de Ensino, né, tinha um aluno assim: “Professora, a senhora sempre, vamos ver, quando acaba a aula, agora... pontos...”

Gláucia, Rosa, Rosana: Positivos e negativos?

Profa. Maria da Glória: Não, às vezes é negativo. Não tem nada, vamos começar pelos pontos positivos, pelos negativos não, que a gente...

Gláucia, Rosa, Rosana: E em cima dos positivos, colocar o que poderia colocar melhor...

Profa. Maria da Glória: Exatamente. Isso é...

Gláucia, Rosa, Rosana: Isso é incentivar, né?!?

H: Professor tem que, acima de tudo, professor tem que ter paixão, amar o que ele faz. Se não gosta disso, pode ir embora pra casa, vai fazer outra coisa.

Gláucia, Rosa, Rosana: Que daí entra o respeito com o próximo, né?!?

Profa. Maria da Glória: É, tem que respeitar o aluno, gostar do aluno, ter amigo, né?!?

Gláucia, Rosa, Rosana: Eu, minha opinião era essa, que não ia perder essa chance...
(risos)

Profa. Maria da Glória: Nada, é prazer.

Gláucia, Rosa, Rosana: Alguma coisa, Rosana?

Gláucia, Rosa, Rosana: Não, Professora, eu também tenho uma pergunta assim pessoal.

Profa. Maria da Glória: Pois não, às ordens.

Gláucia, Rosa, Rosana: É uma situação minha.

Profa. Maria da Glória: Sim.

Gláucia, Rosa, Rosana: Eu vim de uma formação de ensino fundamental e médio, onde eu não tive quase zero de contato com a literatura.

Profa. Maria da Glória: Certo.

Gláucia, Rosa, Rosana: Então quando eu adentrei o curso de Letras, eu me encontrei numa situação assim muito difícil porque as barreiras pra mim pareciam assim, enormes. Então eu queria assim ouvir da senhora, se a senhora também acha que a dificuldade dos acadêmicos de Letras, em especial, também vem dessa falta de formação?

Profa. Maria da Glória: Ah, claro, não tenha dúvida. Você tem, a gente tem que se acostumar, por exemplo, você quer ver, quando Pedro Álvares Cabral chegou aqui, né, ele foi dar pros índios, mel, uma porção de coisas, e eles cuspiam, tinham horror, porque não estavam acostumados... A gente tem que ter, tem que estar acostumado, por exemplo, a ler, tem que ter esse exercício da coisa, pra poder sentir prazer. Se não você olha tudo e acha difícil, já não quer nem continuar... fala: "Puxa! Mas como escreve difícil.", né, por exemplo, Guimarães Rosa, eu sempre fazia questão de... o'Grande *sertão veredas* era o livro básico que todas as minhas turmas tinham que ler. E realmente, os alunos, a gente viu que era difícil. E em situação difícil, então façam um jeito de se tornar mais fácil. Arlete Alves e, não sei se vocês conhecem a Arlete Alves, era excelente professora de português, e mais o Professor Ismael Xavier de Oliveira e mais, acho que a Jerusa, Jerusa Maria, eles fizeram um esquema, "como ler o *Grande sertão veredas*: até a página tal, são só divagações filosóficas, a partir da página tal, começa o enredo do livro onde Riobaldo conhece Diadorim, e, então com isso os alunos acharam mais fácil e até fizeram uma peça, encenaram uma peça do *Grande sertão veredas*. A gente tem que ter o, vamos dizer assim, o exercício, você tem que se acostumar. Se você começa, no primeiro dia que vai a Bahia e come acarajé, uma coisa fortíssima, cheia de pimenta, bolinho de feijão, você vai achar que toda comida baiana é assim... então comece com uma coisa mais leve, por exemplo, o professor tem que fazer isso com os alunos, dar, começar com livros que sejam fáceis de serem lidos, comentados, senão, às vezes se perde no emaranhado.

Gláucia, Rosa, Rosana: Perde o prazer do aluno.

Profa. Maria da Glória: É prazeroso. É. Verdade.

Gláucia, Rosa, Rosana: Ele se distancia mais ainda, né?!?

Profa. Maria da Glória: É verdade.

Gláucia, Rosa, Rosana: Bom e agora pra finalizar, a gente deixa um espaço se a senhora quiser...

Profa. Maria da Glória: Não, eu quero dizer que foi extremamente gratificante falar com vocês e tão interessadas que estão por essa matéria saborosa, rica, que é a Literatura, né?!?

E que parabéns: continuem!

Foi uma grande satisfação receber vocês. Estou à disposição.

E vou dar a vocês o livro.

Gláucia, Rosa, Rosana: Nós é que agradecemos.

Acadêmicas Gláucia (E), Rosa (E2) e Rosana (E3).

Obs. Até a presente data, não obtivemos aval das Professoras Albana Xavier Nogueira e Maria da Glória Sá Rosa para publicação destas entrevistas, não obstante o material tenha sido remetido para sua anuência em 25/setembro e 17/outubro/2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto. A Formulação dos Sentidos*. Campinas-SP: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. *Semântica Discursiva. Afirmação do Óbvio*. Campinas-SP: Pontes, 1997.